

JOSÉ CARLOS GONÇALVES FAYA

CONCEITO DE ÉTICA NO LIVRO “A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO
CAPITALISMO” DE MAX WEBER.

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre
em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto.

São Paulo
2008

F282c Faya, José Carlos Gonçalves

Conceito de ética no livro “A Ética Protestante e o
Espírito do
Capitalismo” de Max Weber / José Carlos Gonçalves
Faya - 2008.

68 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

Bibliografia: f. 66-68.

1. Ética 2. Moral 3. Religião 4. Weber, Max I. Título

BR115.C3
CDD 330.155

JOSÉ CARLOS GONÇALVES FAYA

CONCEITO DE ÉTICA NO LIVRO “A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO
CAPITALISMO” DE MAX WEBER.

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Presbiteriana Mackenzie como um
dos requisitos para obtenção do grau de mestre no
Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto - Orientador
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dra. Márcia Mello Costa de Liberal
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Francisco Donizete Pereira.
Centro Universitário FIEO

AGRADECIMENTOS

A todos os professores do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie e particularmente ao meu orientador Dr. João Clemente de Souza Neto.

A minha esposa Liliane, pela paciência.

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da “história universal”: mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram que morrer. – Assim poderia alguém inventar uma fábula e nem por isso teria ilustrado suficientemente quão lamentável, quão fantasmagórico e fugaz, quão sem finalidade e gratuito fica o intelecto humano dentro da natureza. Houve eternidades, em que ele não estava; quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido. Pois não há para aquele intelecto nenhuma missão mais vasta, que conduzisse além da vida humana. Ao contrário, ele é humano, e somente seu possuidor e genitor o toma tão pateticamente, como se os gonzos do mundo girassem nele.

NIETZSCHE, 1873.

RESUMO

A presente Dissertação de Mestrado, cujo tema aborda os sentidos que a palavra ética recebe na interpretação de Max Weber em seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, mostra a grande divergência que há, tanto na acepção comum quanto na filosófica, na conceituação da palavra ética. Ela analisa os diversos usos que se faz da palavra, desde a sua origem grega até os dias de hoje, mostrando que a ética não pode ser definida, a não ser que se leve em consideração sua diversidade. A abordagem do livro de Max Weber é feita a partir dessa visão multifacetada, detendo-se primeiro na problemática do livro e sua solução, sem a qual não seria possível interpretar o texto do autor. Antes da análise do tema central das pesquisas, é feita uma comparação entre as palavras ética e moral, com a conclusão de que Max Weber faz uma nítida distinção entre as duas. Só a partir de então é que se pode entrar no assunto propriamente dito, com a conclusão de que ética para Max Weber é um regulamento racional metodológico, uma sistematização de meios em relação a fins. Sem qualquer relação com bem e mal, liberdade, ou outra entidade metafísica. O que conta são as influências da regulamentação na formação dos traços intrínsecos e permanentes do caráter, disposições psicológicas que determinam o agir humano.

Palavras-chave: ética, moral, religião.

ABSTRACT

This work, which is a research about the meanings of the word ethic according to the interpretation of Max Weber, in his book *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, demonstrates the great divergence of meanings in the usual as well as philosophical sense of ethic. It is an analysis of its uses, since its Greek origin until the current days, in order to prove there is not specific definition for it, unless all its multiplicity of meanings are taken into consideration. Initially, the focus is in the problematic of Weber's book and its solutions, otherwise it could not be understood. However, before inquiring the main subject, there is a comparison between the terms *ethics* and *moral*, and the conclusion that Max Weber makes an evident and clear distinction between them. Then, bearing this in mind, the subject matter itself can be mentioned. The conclusion is that, according to Max Weber, ethic is a methodological rational regulation, a systematization of means in relation to ends, without any connection with goodness or badness, freedom or any other metaphysical entity. What must be considered is the influence of regulation in the formation of permanent and intrinsic characteristics of character, psychological disposition which determines the human act.

Keywords: ethic, moral, religion.

SUMÁRIO

Introdução.....	08
I	
CONCEITO DE ÉTICA	
1 Etimologia.....	11
1.1 Sentidos da palavra ética.....	14
1.1.1 Ética como crítica.....	17
1.1.2 Ética como filosofia (sistema).....	18
1.1.3 Ética como história.....	20
1.1.4 Ética como Código.....	20
1.1.5 Ética como <i>summum bonum</i>	22
1.1.6 Ética como julgamento.....	25
1.1.7 Ética como conduta.....	26
II	
CONCEITO DE ÉTICA EM MAX WEBER	
2 O problema.....	28
2.1 A solução.....	30
2.2 Diferença entre ética e moral.....	35
2.3 Conceito de ética.....	44
III	
CONCLUSÃO	
3 Conclusão.....	56
Notas.....	62
Referências Bibliográficas.....	66

INTRODUÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado resulta do projeto de pesquisa que tem por título *Conceito de ética no livro "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" de Max Weber*. O tema da pesquisa surgiu de uma preocupação ocorrida no momento da leitura do livro, a saber, a percepção de que não se sabia exatamente a que o autor se referia cada vez que as palavras ética ou moral eram mencionadas. Em um exame mais minucioso sobre o assunto na literatura em questão, constatou-se que a dúvida aparece em várias obras, estando, por conseguinte, presente nos textos de muitos outros autores. Existe uma diversidade de interpretações sobre as duas palavras, tanto no âmbito da filosofia quanto no entendimento comum. Quando se pergunta o que é ética, o mais comum é ter uma resposta tautológica: ética é a moral. Por sua vez, no questionamento sobre o que é moral, obtém-se: é a ética. É evidente que não se pode dar continuidade ao assunto a partir dessas definições. Outra maneira de resolver o problema, como foi dito por um professor ao iniciar um curso, é avisar que, para que não haja confusão, fica definido que ética é a ciência da moral.

Atualmente, no entanto, com as preocupações ambientais em voga, levantaram-se várias vozes no ramo empresarial clamando serem suas empresas portadoras de uma ética dita social. As expressões foram intituladas preocupação ou responsabilidade social. Pelo que se percebe no dia a dia, com os fabulosos lucros anunciados pelas empresas, em todos os setores da economia, tem-se a impressão que realmente a ética é um grande negócio e fonte de lucros. Metaforicamente, todas essas possibilidades poderiam ser vistas como uma espécie de pizza, já que possuem massa grossa ou fina e podem ser pequenas, médias ou grandes, tudo à escolha do freguês. Qual a relação entre pizza e ética numa visão não filosófica? Elas têm muito em comum. Em qualquer lugar aonde se vá, encontra-se pizza para comer e ética para falar. Existem pizzas de todos os tipos e para todos os gostos, como, por exemplo: de quatro queijos, berinjela, queijo e tomate e espinafre. Da mesma forma ocorre com a ética: dos advogados, médicos, publicitários, psicólogos e até mesmo, imaginem, dos deputados. Talvez exista mesmo a ética das pizzas; ou quem sabe, a pizza das éticas. Isso sem incluir a palavra moral, que por sua vez, faz surgir outras tantas determinações, dúvidas, novas formulações e manipulações. Contudo, na visão filosófica, o tema apresenta-se de forma diferente ou, em outras palavras, a coisa toma outro rumo, uma vez que, a filosofia não se interessa por pizza. Quanto à ética, a confusão é a mesma. Por isso toda obra clássica tem diferentes possibilidades de interpretação. Como diz G.H.Moore: "Consideremos o que dizem os

filósofos. Deve-se notar, antes, que eles não estão de acordo entre eles. Não somente eles dizem que eles têm razão sobre o que é o "bem", mas eles se esforçam de provar que os outros, que dizem que o bem é outra coisa, estão errados“ (MOORE. 1998, pg.51). A discussão sobre ética é sempre justificada em si mesma, principalmente numa sociedade como a brasileira, não exclusivamente, na qual ética e pizza andam sempre de mãos dadas.

O intuito desta dissertação não é resolver o problema. A intenção é mostrar que a pergunta “o que é ética?” não pode ser respondida, a não ser que se comece respondendo que “a ética tem vários sentidos”, enumerando-os em seguida. Toda vez que se pretende estudar um autor que trate de ética, deve-se primeiro saber qual o sentido que ele dá à palavra. Aliás, é o que muitos já fazem. Não seria uma expressão exagerada a seguinte afirmação: nunca ninguém se preocupou em saber em que sentido Max Weber usou a palavra ética. Pode ser que alguém já o tenha feito, porém, nas pesquisas realizadas, não foi encontrado nenhum trabalho a respeito do tema. Sendo assim, porque se acredita que o assunto seja importante? A resposta é óbvia: se cada pessoa tem um conceito particular de ética, o livro de Weber será analisado sob óticas divergentes, tendo como resultado entendimentos diferentes. Pois é isso mesmo o que acontece. Quando se lê um crítico de Weber, percebe-se que há uma falta de sintonia com o que é entendido, e, entre as diversas críticas, é possível encontrar até contradições. Espera-se munir o leitor deste trabalho com uma arma (no sentido de recurso) que é considerada indispensável para um bom entendimento das idéias apresentadas por Max Weber, através do qual se poderá compreender a sociedade moderna com seus desafios, marcada por relações impessoais, anéticas, tanto no campo público como no privado, incluindo-se aí não só o político e o religioso, mas também as relações de mercado. Se esse objetivo for alcançado, o autor da presente dissertação dar-se-á por satisfeito e estará certo de que valeu a pena o esforço despendido.

O método de pesquisa utilizado foi o bibliográfico, consultando-se primeiramente as obras de alguns intelectuais que escreveram sobre ética, para ter uma visão geral do problema, e a partir daí acessar o livro de Max Weber. Quanto ao método de exposição, decidiu-se, algumas vezes, usar citações como ponto de apoio para as afirmações, outras vezes, interpretar o pensamento do autor, sempre indicando o texto original. Todas as citações oriundas de livros em língua francesa foram traduzidas pelo próprio mestrando e os textos originais encontram-se transcritos no capítulo “Notas”. Além disso, ao usar a expressão “como fala...”, teve-se a intenção de trazer os autores de volta à realidade, como se vivos estivessem.

No primeiro capítulo, além da visão geral do sentido atribuído à palavra ética pelos intelectuais e pelo senso comum, iniciando pela sua origem grega antiga, abordou-se também aquilo que se chama SUMMUN BONUM, ou bem absoluto, que é a finalidade a ser alcançada, de fundamental importância para a problemática em questão, mostrando que quase todas as éticas são eudomonistas ou hedonistas, mesmo as que dizem que tratam da vida.

Com o segundo capítulo, entra-se diretamente no livro de Max Weber, tratando-se primeiramente o problema que o levou a escrever, a saber, o fenômeno que ocorria na sociedade de seu tempo, o fato de os protestantes ocuparem, predominantemente, as funções mais importantes na economia alemã. Foram analisadas também as razões apresentadas como solução. Sendo este capítulo o ponto central da Dissertação, há um aprofundamento na questão da psicologia na obra de Weber, mostrando a relação entre ética determinante do caráter, moral, como disposição psicológica, que são traços intrínsecos e permanentes. Após analisar e mostrar que há uma diferença entre moral e ética em Max Weber, chega-se, finalmente, ao sentido que ele atribui à palavra, fazendo uma comparação com as noções gerais levantadas no primeiro capítulo, concluindo que ética, para Max Weber, mesmo tendo sentido próprio, cuja fonte, quase sem dúvida alguma, é o Sermão da Montanha, se encaixa dentro de um dos conceitos lá levantados.

Na conclusão há uma revisão geral do livro, abordando as principais idéias e algumas dificuldades que suas explicações encontram, principalmente relativas ao sistema capitalista e ao papel desempenhado pelos protestantes na consolidação de algumas das nações mais importantes do mundo, do ponto de vista capitalista. Menciona-se também uma questão importante que mereceria uma pesquisa mais ampla: o SUMMUN BONUM da ética calviniana seria a vida? As dificuldades foram muitas. A maior delas foi entender a diferenciação que Max Weber faz entre ética e moral devido à falta de acessibilidade, como paradigma, a qualquer outro trabalho que tratasse do assunto. De qualquer modo, espera-se que o objetivo principal seja alcançado.

I

CONCEITO DE ÉTICA

1 ETIMOLOGIA

Tratando-se de analisar o emprego da palavra ética no livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de Max Weber, deve-se ter primeiro uma compreensão geral de seu sentido, sem a qual não seria possível sequer iniciar o assunto. Pode parecer que não há relação alguma com o livro de Max Weber, por abordar a ética leiga, enquanto neste se aborda, principalmente, a ética religiosa. Esse simples fato já demonstra a dificuldade que existe na determinação de um conceito geral que englobe os dois específicos. A sua função principal seria: fornecer conceitos básicos da palavra. Afinal, o que está em discussão é o livro de Max Weber que trata, fundamentalmente e à primeira vista, da ética chamada religiosa, e não da leiga, estudada pelos autores que serão apresentados. Não há como fazer uma aproximação entre as concepções apresentadas e o conceito de ética em Weber sem essa fase preliminar. Somente após o estudo das diversas possibilidades pode-se fazer uma análise comparativa. À princípio, uma solução simples que seria a consulta a um dicionário geral ou filosófico, não se revelou satisfatória, face à complexidade da questão. A alternativa mais pertinente foi recorrer aos autores que a empregaram através os tempos, iniciado com a filosofia grega antiga, precisamente Aristóteles, que apresentou o significado da palavra em sua cultura, finalizando com os sentidos comuns que lhe são atribuídos atualmente. Não se trata, absolutamente, de uma valorização comparativa, tampouco de uma análise crítica. Não está se buscando uma verdade dogmática.

A intenção é mostrar os sentidos que cada autor dá à palavra, indicando a diversidade de conceituações que ela assume e, de outro lado, a questão do bem absoluto. Não se procura “aprofundar” as éticas desses autores e criticar conteúdos. Trata-se, simplesmente, de uma questão conceitual. Ao reunir-se nove pessoas pertencentes à mesma cultura, com grau mediano de entendimento, e ao ser pronunciada a palavra “cavalo”, é quase certo que todos entenderão o que está sendo dito, apesar de existirem vários tipos de cavalos: baio, alazão, castanho, de trote, de galope, árabe, puro sangue inglês etc. Se houver três brasileiros, três ingleses e três franceses, cada grupo conhecendo só sua língua materna, e pronunciar-se

“cavalo”, “horse”, “cheval”, igualmente todos compreenderão. Mas se a palavra pronunciada for “ética”, “ethics” ou “éthique” certamente não haverá unanimidade, tratando-se de pessoas de mesma cultura ou não, afora a certeza comum de que ética é algo pertencente ao bem: pessoa ética é uma boa pessoa. Por outro lado, antiética, ou não ética, é o mal. Entre as nove pessoas, poderia ser encontrado, em sua maioria, as que definiriam, em concordância, o conceito de cavalo, como: “é um animal...”. Quanto à ética, o resultado seria outro, pois, existiriam respostas variadas e divergentes. Tratando-se de filósofos, não há dúvida que teriam nove definições diferentes.

Tomando como exemplo dois filósofos, Adolfo Sanches Vasquez e Enrique Dussel, podemos verificar que eles têm conceitos totalmente díspares do que seja ética. Enquanto o primeiro considera ética como a ciência da moral, o segundo a toma como crítica filosófica. É apenas esta definição que será mais interessante no presente trabalho, pois é isto que se procura em Max Weber, de modo que, o intuito não é fazer uma crítica ou estudo comparativo entre as duas. Em Dussel, a ética desempenha um duplo papel: crítica da sociedade capitalista e formadora da consciência crítica do trabalhador (a consciência de classe e revolucionária); exerce o papel de intelectual orgânico: é uma ética totalmente comprometida com o marxismo como filosofia do proletariado. Por essa razão, o autor foi perseguido e sua casa foi incendiada, já que se trata de um perigo para o sistema. Por outro lado, em Vasquez, sendo ciência, necessariamente tem que ser “neutra”. O seu conceito de ética é eterno, em qualquer lugar do mundo que se vá, ou fora dele, a ética será sempre a ciência da moral. Muda-se a moral, mudam-se os valores, os costumes, o modo de produção e a infra-estrutura econômica e a ética terá sempre a mesma definição. Espera-se que, toda vez que se leia um de seus livros, encontrando a palavra “ética”, saiba-se ao que ele está se referindo, em nome da coerência: ciência da moral. Em Dussel o comprometimento da ética se dá até a superação das classes. A aproximação que se poderia fazer entre os dois não se dá no conceito de ética, mas na comparação do conceito de ética em Dussel com o de práxis filosófica em Vasquez. Este nunca poderia ser perseguido por seu conceito de ética; já quanto ao seu conceito de práxis filosófica, a situação é outra. Mas isto seria assunto para uma nova pesquisa.

Na presente análise, há um aprofundamento apenas em Max Weber, uma vez que a tarefa está bem delimitada conforme título da Dissertação. Afinal de contas porque chamar uma exegese bíblica de ética? Quem autoriza a chamar o Sermão da Montanha de Ética ou ética da convicção? Por acaso Jesus Cristo falou em ética? E Calvino por acaso chamou suas Instituições da Religião Cristã de Ética? Deus chamou ética a lei dada ao povo de Israel? Teólogos são intérpretes da palavra de Deus, e não “éticos”. Não é à toa que se divide a ética

em leiga e religiosa: o conceito é exterior à religião. São como lentes usadas para ler, sobre um determinado ponto de vista, um objeto escolhido. Da mesma forma, Karl Marx intitulou algum de seus trabalhos de “ética”? Existe uma ética no marxismo? Não é uma dúvida freqüente? Para elucidar a questão, primeiramente, se deve saber o que é ética, para não haver o risco de confundir o marxismo com uma pizza. Poderia-se titular o livro de Max Weber como, ao invés de *Ética Protestante*, “Ética Científica da Moral Protestante”, no caso de Vasquez ou: “Filosofia Crítica do Protestantismo”, no de Dussel? Se houvesse alguma outra pretensão com o presente trabalho, não seria, certamente, a de desempenhar o papel de intelectual orgânico. Também não teria a função de falar o que os outros querem ouvir. Muito menos uma crítica do calvinismo ou do protestantismo. O objetivo seria chamar a atenção dos filósofos engajados, como Dussel e Vasquez, que pretendem fazer do mundo “um lugar de gente feliz”, equiparado ao paraíso católico, para um detalhe pouco observado, devido, talvez, ao desprezo pela ética religiosa, tido como alienadora: o fato de Calvino ter dado um novo sentido à ética religiosa, ou seja, à vida. O Peregrino não exclama “felicidade, felicidade eterna”, mas: “**vida, vida eterna!**”, fato muito bem observado por Max Weber. Na leitura deste trabalho, que deve-se considerar que todas as referências a Calvino, calvinismo e protestantismo, enfim todas as idéias religiosas são derivadas da visão de Weber, cujo livro é aqui estudado, e não das fontes às quais se referem.

Assim sendo, a investigação será iniciada pela origem da palavra, que remonta à língua grega antiga, cuja forma era èthos ou éthos, através do latim ethica. Èthos significava costume, moradia, hábito enquanto por éthos se entendia caráter, modo de ser. Aristóteles em sua obra “Les Grands Livres d’Éthique” diz:

Mas eis de onde vêm as palavras que designam a virtude ética – se for verdade que seja preciso levar em consideração as letras de uma palavra para examinar a verdade tal qual ela é; e provavelmente é necessário. Palavra ética (èthos) tira seu sentido dos hábitos (éthos). Ela é chamada ética pelo fato de que se adquire hábitos. Segue-se também esta evidência: não é por natureza que nasce em nós alguma das virtudes da parte irracional. (1995, pg. 54) (1)

Como já salientado, não há interesse em discutir o conteúdo da ética de Aristóteles, ou, se aceitava ou não a pederastia ou a escravidão, se significou um avanço ou retrocesso em relação a outras éticas. O que interessa é o conceito de ética. Na *Ética* a Nicômaco, ele volta a

afirmar a origem da palavra, mostrando que há duas espécies de virtudes: a intelectual e a ética¹. A primeira é ensinada, requerendo experiência e tempo; já a virtude ética é adquirida através do costume, de onde seu nome derivou por uma pequena modificação da palavra. Esse fato demonstra que a virtude ética não nos é dada pela natureza.

Ela apenas nos dá a capacidade de apreendê-las, que é aperfeiçoada pelo hábito. (2007, pg.40).

A passagem desses dois sentidos que a palavra tinha do grego antigo para o latim é explicada na obra de Marciano Vidal “Moral de Atitudes”, começando com uma advertência para aqueles que pretendem adentrar o campo da ética: deve-se ter todo cuidado e atenção com a variedade de expressões que envolvem o tema. É verdade que tal variedade pode significar uma riqueza expressiva, mas pode também constituir-se em um campo minado onde pode perder-se o menos avisado. (2000. pg. 17)

A seguir, explica que no latim traduziu-se o *ethos* grego em sua forma lingüística de *èthos* caráter e de *éthos* costume pelo vocábulo latino “*mos*”. A partir daí começou-se a usar excessivamente o significado do *éthos* para a idéia de “costume”, uma vez que a palavra “*mos*” em latim significava “costume”. (2000. pg.20). Vidal vale-se dos ensinamentos de São Tomás de Aquino para reforçar seus argumentos, para o qual “*mos*” pode significar duas coisas: às vezes costume, outras vezes uma quase inclinação natural para fazer alguma coisa. Enquanto os gregos tinham duas palavras, em latim há uma só, usada nos dois sentidos. Note-se que Marciano Vidal também não está preocupado com o conteúdo da ética, mas apenas com seu significado semântico. (2000. PG.17)

As duas palavras derivadas de “*mos*” latino e do grego “*èthos*” passaram para as diversas línguas, particularmente as latinas: francês “*morale*” e “*éthique*”, português “*moral*” e “*ética*”. O Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio deixa claro: “*Ético* (do grego *ethikós*, pelo latim *ethicu*)”.

1.1 SENTIDOS DA PALAVRA ÉTICA

Essa é a primeira grande dificuldade para se estabelecer um sentido preciso para a palavra. Alguns, como Monique Canto-Sperber por exemplo, usam as duas palavras como sinônimas: “Eu vou decepcionar o leitor sublinhando que em geral eu me sirvo dos termos “*moral*” e “*ética*” como sinônimos” (2001, pg.25) (2). Outros, como André Comte-Sponville,

¹ Geralmente os tradutores e comentadores escrevem *moral*

preferem dar sentidos diferentes: “[...] entender por “moral” tudo o que se faz por dever e por “ética” tudo o que se faz por amor”. (2005, pg.67). Marciano Vidal é a favor do uso como sinônimas para expressar o genuíno e rico significado da palavra grega: “O ético ou moral designa a “personalidade ética ou moral” expressando o significado “caráter” ou “modo de ser adquirido”.(2000, pg.20). Um dos casos mais radicais é o de Adolfo Sanches Vasquez, que prega que a ética deva constituir-se em ciência autônoma, cujo objeto seria a moral. O autor dá como exemplos o fato de a psicologia e a sociologia, que antes pertenciam à filosofia, tornaram-se ciências autônomas. Pensa assim resolver o sentido das duas palavras:

A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica do comportamento humano. [...] De acordo com essa abordagem, a ética se ocupa de um objeto próprio: o setor da realidade humana que chamamos moral, constituído – como já dissemos- por um tipo peculiar de fatos ou atos humanos. [...] A moral não é a ciência, mas objeto da ciência... (2000, pg.12)

Como ciência da moral a ética teria o mesmo rigor, a mesma coerência e fundamentação como qualquer outra ciência.

Antonio Marchionni também tem uma definição de ética comparativamente com a arte e a ciência, afirmando que ela torna bom aquilo que é feito pelo seu autor, chamando-a, assim, arte do Bom. No mesmo sentido a ética é uma arte, um hábito (ethos), pois é o esforço repetitivo que possibilita o aprimoramento, o bem agir. O virtuoso é um artista que fez muitos exercícios. (1999, pg. 34).

Erich Fromm mostra as dificuldades, dizendo que a palavra ética vem de uma raiz que significa, na origem, costume, e chegou a significar ciência que trata dos ideais de relações humanas. Às vezes, diz ele, a ética se refere ao comportamento e pode ser entendida como um código. O autor concorda que é possível dividir a ética em médica, comercial, militar etc. Tratando-se de filosofia ou religião, não se trata mais de um código, mas é uma questão de consciência. (1967, pg. 129)

Interessante é a idéia de G.H.Moore, exposta em seu famoso livro “Principia Ethica”, na qual utiliza a palavra ética com um sentido muito mais amplo que o normalmente abrangido pelos filósofos, confessando, todavia que a função de tratar as questões de significado das palavras pertence ao domínio dos autores de dicionários e demais especialistas em literatura e não aos filósofos:

[...] eu direi que pretendo utilizar “Ética” para cobrir um domínio mais amplo que aquilo. Ele me serve para designar uma pesquisa pela qual, em todo caso, não existe outra palavra: o exame geral do que é o bem. (1998, pg.40) (3).

Esse uso da palavra ética por falta de opção foi muito bem descrito por Monique Canto-Sperber, afirmando que ser ético ou não, é uma injunção contemporânea. Comprar e vender com ética, falar de ética, governar com ética é questão de moda. Quanto ao significado de ética, ninguém se interessa de precisar. Todos dão a entender que sabem o seu significado, escondendo-se por trás de um silêncio sepulcral:

O termo ética viu-se progressivamente privado de seu conteúdo por ser, à força, utilizado de maneira indiferenciada. A natureza do referente, o conteúdo do sentido que recobre o termo ética, tornou-se secundário, o essencial é o que se faz dizendo ética. (2001, pg.85) (4)

Ética ou moral? O intuito não é focar e prender-se apenas ao problema. No momento, o que será feito é examinar a obra de Max Weber para, então, tentar entender em que sentido ele usa a palavra ética, finalidade da pesquisa, e, conseqüentemente, o exame da palavra moral será certamente obrigatório.

Álvaro L.M.Valls, em seu livro “O que é ética?”, fala da dificuldade de entender o sentido da palavra:

A ética é daquelas coisas que todo mundo sabe o que são, mas que não são fáceis de explicar quando alguém pergunta. Tradicionalmente ela é entendida como um estudo ou uma reflexão científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou as ações humanas. (2006, pg. 7)

Por que tal dificuldade? Respeitando e deixando de lado o sentido que a palavra tinha no grego antigo, como já foi explicitado anteriormente, sabe-se que, apesar das controvérsias, ela é usada com vários outros significados como se espera demonstrar. Porém, todos eles têm pontos em comuns, que seriam: a conduta humana e a maneira de agir. Evidentemente, não se pode, nesta ocasião, analisar toda a infinidade de sentidos possíveis para o termo. Vamos estudar aqueles que são os mais empregados do ponto de vista popular e intelectual, preferencialmente filósofos e sociólogos, tendo em vista a finalidade a que se destina: uma chave para adentrar, interpretando, ou entendendo, a sociologia de Max Weber. Isso já

significa que não se pretende “ir ao fundo” de cada sentido apresentado mas apenas apontá-los. Dentre eles poderiam ser citados os seguintes:

- 1.1.1. Ética como crítica
- 1.1.2 Ética como Sistema.
- 1.1.3 Ética como história.
- 1.1.4 Ética como Código.
- 1.1.5 Ética como SUMMUM BONUM.
- 1.1.6 Ética como julgamento.
- 1.1.7 Ética como conduta..

1.1.1 Ética como crítica

A palavra ética é usada para designar a crítica que se faz da sociedade. Para se entender exatamente o que significava para os gregos a palavra ética, segundo Aristóteles, é necessário entender também os conceitos de cidade e o de política. O caráter é formado no dia a dia, no agir diário, no convívio político, que hoje chamamos de social. Em última análise é a cidade, como conjunto dos cidadãos, que é a base de toda a ética. A função da política era formar bons cidadãos. O que se esperava era que o bom cidadão, o virtuoso, possuidor de virtudes éticas, só agisse corretamente, pois, é praticando ações justas, que a pessoa se torna justa. As virtudes éticas por si só não tinham valor: era no campo prático e no agir, que ficava demonstrada a sua validade. O hábito se adquire e se repassa exemplarmente. Sócrates bebeu cicuta para não servir de mau exemplo e para mudar o hábito de exílio que era costume em caso de condenação. (Kant não concorda absolutamente que o exemplo possa servir como fundamento da ética: “Não se poderia também prestar pior serviço à moralidade do que extraí-la de exemplos”. (1980, pg.120)) A ênfase era, portanto, subjetiva-objetiva. O que ocorreu foi uma desvalorização de pólo subjetivo em detrimento do objetivo, ou seja, do “éthos” para o “èthos”. Não se trata mais de discutir as virtudes éticas como domínio de si, controle dos vícios, paixões, sentimentos e inclinações da alma, bases da ação, como ocorria com Aristóteles, Descartes, Hobbes ou Espinosa, que tratavam de como elevar a consciência à consciência de si, residência da moral.

Esse papel foi relegado aos livros de auto ajuda. O filósofo agora se preocupa não com as virtudes, consigo próprio, mas com o “outro”. Mas o outro trazido à consciência não

foi o outro como amor, relação intersubjetiva de fraternidade, que já é história antiga, e sim o outro como inferno, que o faz enxergar a miséria, que o incomoda, que o desafia do interior de sua desgraça, vítima de seu próprio ou coletivo inconsciente, vítima do sistema capitalista de produção, vítima da globalização. O sacerdote ascético, cultivador de virtudes, tem novo deus, transformou-se em intelectual orgânico, encarna a ética do ressentimento, como muito bem viu Nietzsche e antes dele Espinosa de cuja Ética Gilles Deleuze afirma que “A Ética traça o retrato do homem do ressentimento, para quem toda alegria é uma ofensa e que faz da miséria e da impotência sua única paixão” (2003, pg.38) (5), e agora é um denunciador das condições sociais e materiais que formam o caráter, apontador de culpados, sacerdote absolvente de culpa subjetiva: o culpado é o outro do outro, o inimigo, não no sentido de ser amado, mas odiado e eliminado. Renato Janine Ribeiro vê nisso uma marca distintiva, afirmando que o mundo moderno nasceu da substituição das virtudes pelos interesses. A antiga idéia medieval de que bons cidadãos e bons reis fazem uma boa sociedade e um bom Estado, resultando daí a máxima econômica que de vícios privados resultam os benefícios públicos. Não se parte mais da virtude, mas do vício, se não tanto, pelo menos do interesse. (2006, pg.141)

1.1.2 Ética como filosofia (sistema)

A palavra ética é usada para designar o sistema ético de um determinado filósofo. A primeira providência para quem quer entendê-la é separar a filosofia ética do seu objeto que é a ética. A palavra é usada indistintamente num e noutro sentido. Usando a definição de Aristóteles, pode-se perceber que A Ética a Nicômaco não é uma ética e sim uma filosofia ética. Quer dizer uma filosofia (uso do saber em proveito do homem) de um determinado objeto. Kant afirma:

Toda filosofia é seja teórica seja prática; a primeira concerne a regra do conhecimento; a segunda, a regra da conduta em relação com o livre arbítrio. A diferença entre as duas reside no seu objeto, a filosofia teórica tendo por objeto a teoria, a filosofia prática, a práxis. (1997. pg.69)

Na Crítica da Razão Pura diz: “A filosofia da natureza estuda aquilo que é; aquela dos costumes somente aquilo que deve ser” (1973, pg.69). A “ética” pertence ao domínio do ser, já a “filosofia ética” refere-se ao dever ser. O primeiro é estudado pelo sociólogo, assim

como, o passado é analisado pelo historiador, o porquê pelo psicólogo e o “dever ser” pelo filósofo. Tal divisão é arbitrária, evidentemente. Não raramente confundem-se. Alguns intelectuais não se enquadram perfeitamente em nenhuma destas qualificações; Max Weber, por exemplo, ora é chamado historiador, ora filósofo, em outros momentos psicólogo ou sociólogo.

Nesse sentido, pode-se dizer que o sistema de filosofia ética de Aristóteles se compõe de três obras: “Ética a Eudemo”, “Ética a Nicômaco” e “Os grandes Livros de Ética”.

Quando Jacques Maritain fala em “A ética de Aristóteles” (1973, pg.56) não está se referindo, com certeza, ao caráter do filósofo grego, porém à reflexão que ele faz sobre um objeto chamado ética. Desta maneira, a ética de Aristóteles significaria caráter de Aristóteles. O próprio Jacques Maritain afirma, no Prefácio de seu livro *A Filosofia Moral*, que tem como subtítulo: “Exame histórico e crítico dos grandes sistemas”:

O presente volume é consagrado ao exame histórico e crítico de certo número de grandes sistemas que são, a meu ver, os mais significativos quanto à evolução e às aventuras da filosofia moral.(1973, pg. 15)

Marciano Vidal aponta diversos sistemas éticos:

- A ética do vitalismo (Bérgson), do imanentismo (Blondel) e do agir vital (Ortega e Gasset).
- A ética dos valores: Hartmann, Scheler, Le senne, Frondizi etc.
- A ética existencialista: Heidegger, Sartre, Camus, Marcel etc.
- A ética do neotomismo e da escolástica revisionista: Maritain, De Finance, Reiner, etc.
- A ética da fenomenologia, do compromisso paternalista.
- A ética da filosofia reflexiva francesa: Bastide, Nabert, Jankélévitch Levinás, Ricoeur etc. (2000, pg.80)

1.1.3 Ética como História dos sistemas éticos

A palavra ética é usada para designar a história dos sistemas éticos. Há alguns livros que, embora não tenham sido citados, por respeito a seus autores, trazem por título “Ética”, mas que na realidade são de história dos sistemas éticos. É preciso ainda aqui estabelecer uma diferença entre história de sistemas éticos e história da ética. Esta seria a história do caráter de cada povo e aquela a história das éticas dos filósofos, embora, no caso de Aristóteles, haja uma aproximação, talvez uma equivalência, pois as virtudes descritas por ele são as que a cidade elogia e os vícios os que ela recrimina. Já no caso da ética de Espinosa a coisa se passa diferentemente, não podemos afirmar que seu panteísmo trata da ética de um determinado povo ou época. Sua ética na verdade é um sistema que expõe o seu pensamento sobre a maneira como os homens se comportam ou devem se comportar. Essa, aliás, é a tarefa da filosofia prática, sempre lembrando que o ser não gera o “dever ser”.

1.1.4 Ética como código.

A palavra ética é usada para designar um Código ou regulamento, por exemplo: Código de Ética dos Advogados, dos Médicos, dos Deputados e assim por diante. Mais uma vez, aparece uma nova classificação para ela: absoluta ou relativa. Nesse sentido a ética se torna “especializada” de acordo com cada área de atuação do homem. Dom Cândido Padin nos diz o que esperar de um Código Profissional:

Ora, a ética profissional [...] tem por fundamento o conceito do bem e do mal relacionado com a realização dos valores da pessoa humana. A profissão, por sua vez, deve ser conceituada como a atividade especializada, geralmente técnica, que oferece algum produto ou serviço destinado a trazer algum benefício ao usuário ou cliente dessa profissão. (1999, pg.940)

O esquema abaixo apresenta como ética, o Código de Ética e Disciplina dos Advogados que dá uma visão clara do uso da palavra:

 Tribunal de Ética } Julgamento (ético)
 Qualquer do povo }

Bem absoluto-----Código de Ética-----Conduta (ética)

SUMMUN BONUM

-----Filosofia Ética-----

Pode-se ver que existem quatro possibilidades para conceituar a palavra: como Código ou regulamento, como conduta, como julgamento ou como bem absoluto. Uma quinta hipótese é uma ética envolvendo o código, a conduta, o julgamento e o bem absoluto. Seria a filosofia ética ou filosofia prática. Mas, qualquer que seja o enfoque, teremos sempre uma ética duplamente relativa: abrange somente os advogados, e também relativa no sentido de que só regula as ações praticadas no exercício da profissão. É uma ética profissional e do trabalho. A finalidade (SUMMUN BONUM), que pode ser considerada um bem absoluto, é o prestígio da categoria dos advogados, sua respeitabilidade e interesse de classe. Mas deve haver também uma visão de proteção do cliente contra os maus profissionais que porventura visem somente seus interesses. O próprio Código de Ética e Disciplina da Ordem dos Advogados prevê outras éticas: “Artigo 1º- O exercício da advocacia exige conduta compatível com os preceitos deste Código, do Estatuto, do Regulamento Geral, dos provimentos e com os **demais princípios da moral individual, social e profissional**” (destaque nosso). Quando a Ordem dos Advogados recebe uma denúncia sobre uma atitude supostamente antiética, o Tribunal de Ética da entidade é convocado para pronunciar-se. O adjetivo bom ou mau vai ser aplicado à relação entre a conduta e o Código, portanto julgamento ético. As penalidades, em caso de má conduta, não estão previstas no Código de mas no Estatuto da Ordem dos Advogados e vão desde a advertência à exclusão. O problema maior da ética como código ou regulamento é a questão da liberdade. Todo regulamento de uma maneira ou de outra interfere na tomada de decisão do indivíduo. Tratando-se de questão de difícil solução e que, por essa razão, não será abordada no âmbito deste trabalho.

1.1.5 Ética com Summum Bonum (Bem absoluto)

A palavra ética é usada para designar o bem absoluto da conduta humana. A questão do SUMMUM BONUM é o fundamento de todos os sistemas éticos dos antigos. Elas se distinguem de acordo com a resposta a esta questão, assim como diz Kant (1997, pg.76) "Há diversas maneiras de classificar a ética segundo o bem absoluto que elas defendem". A principal delas é a que as classifica em hedonistas ou eudomonistas, segundo colocam o prazer ou a felicidade como bem soberano, fim absoluto da conduta humana. Existem também aquelas que têm, ou dizem ter, a vida como bem absoluto. Quanto às hedonistas, é o utilitarismo que mais se destaca, por sua persistência até os dias de hoje, com variantes, é verdade, mas com o mesmo princípio. Respeitando todos os antecessores, desde Aristippus de Cirene, no Século V a.C. e Epicuro, um século depois ainda na Grécia, e até os ingleses Richard Cumberland, século XVII, Francis Hucheson, David Hume, Joseph Priestley, o francês Claude-Adrien Helvetius e o italiano Cesare Beccaria, e os também ingleses David Ricardo, e os Stuart Mill, pai e filho, seria apropriada a ênfase em Jeremy Bentham, que foi o principal introdutor do utilitarismo na modernidade em sua obra "Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação", na qual afirma que o princípio da utilidade reconhece a sujeição do gênero humano ao fundamento do sistema que tem por finalidade a busca da felicidade através da razão e da lei:

A natureza colocou o gênero humano sob o domínio de dois senhores soberanos: a dor e o prazer. Somente a eles compete apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que na realidade faremos. Ao trono desses dois senhores está vinculada, por uma parte, a norma que distingue o que é reto do que errado, e, por outra, a cadeia da causa e seus efeitos (1979, pg.3)

Eis aí a ata de fundação do utilitarismo moderno. Como é possível ver, a felicidade é construída a partir do prazer. O próprio Bentham é quem diz: "Ora, a felicidade consiste naquilo que já vimos, ou seja, desfrutar prazeres e estar isento de dores". (1979, pg.19). Diferentemente de Aristóteles, para quem a função dos políticos é formar virtuosos cidadãos, aqui a função dos governantes é "promover a felicidade da sociedade, punindo e recompensando". (1979, pg.19). Enquanto o indivíduo deve procurar sua própria felicidade, a legislação deve proporcionar a maior felicidade para o maior número, princípio primeiro do utilitarismo, desenvolvido principalmente por John Stuart Mill, seguidor de Jeremy Bentham.

No fundo, como se pode observar, o utilitarismo hedonista também é eudomonista, pois são os momentos de prazer que levam à felicidade.

A maior parte dos sistemas éticos adota a felicidade como Bem Absoluto. Sua origem também é a Grécia, principalmente com Sócrates, Platão e Aristóteles, como descreve Darrin M. MacMahon em seu livro *Felicidade- Uma história*. Ele conta que Sócrates enfatizou a importância da conduta humana ao perguntar como devemos viver melhor nossa vida. Os poetas épicos e dramaturgos acreditavam que a felicidade humana era determinada pela sorte ou pelos deuses. Sócrates inverteu a questão, admitindo que a felicidade estava ao alcance do homem e só dele dependia. No Diálogo de Platão, Eutidemo, pergunta: quem não deseja ser feliz? Se todos o desejamos como podemos ser felizes? (2006, pg. 41).

Jacques Maritain faz uma grande exposição sobre o descolamento do pensamento imanentista na Grécia, para o atual, que é o discursivo. O pensamento mítico vai sendo substituído gradativamente até o aparecimento do pensamento transcendental. Entre as primeiras idéias dessa nova maneira de pensar estão a noção de Bem, Fim e Felicidade. O que nos interessa propriamente, no caso a felicidade, vai sendo interiorizada. Ser feliz se torna uma arte, que depende, portanto, do próprio homem. Conhece-te a ti mesmo. Conhece tua essência. A felicidade não depende da saúde nem da riqueza. Ser feliz é ter alma boa, como expõe Jacques Maritain:

A felicidade e a boa conduta são uma só e mesma coisa. Por mais que a experiência pareça desmentir esse axioma, mas heroicamente o afirma o sábio. Só o insensato julga que a experiência o desmente. Felicidade e Bem são identificados, mas insistindo antes de tudo no Bem. É o bem que constitui a felicidade. A felicidade não consiste nas coisas precárias do exterior. Consiste nos bens que convêm à alma e à essência do homem, cujo poder de conhecimento e de discernimento racional é a marca específica e a sua própria força. (1973, pg. 35)

O mesmo processo ocorreu com a palavra virtude, que consiste no saber agir bem. Agir mal significa ser ignorante. O Bem absoluto, para Platão, assim como para Sócrates, também é a felicidade. Mas com a teoria das Idéias ou das Formas, a felicidade terrena, segundo Jacques Maritain, é apenas o retrato muito mal traçado da felicidade transcendente “A ética é a arte de se preparar para uma felicidade que transcende a vida humana, pois desde a existência terrestre, e depois dela, a verdadeira vida está para lá da vida, a verdadeira felicidade para lá da felicidade” (1973, pg.41).

Aristóteles volta à terra. A felicidade é ação conforme a virtude. Não adianta ser só virtuoso, é necessário agir. Ela pode ser alcançada com estudo e esforço. Confirmando o papel da vida política como o melhor dos fins e que o seu principal empenho deve ser no sentido de fazer com que os cidadãos sejam bons e capazes de nobres ações. A felicidade é uma atividade da alma conforme a virtude. Mas ela também precisa de bens externos para sua perfeição pois é impossível, ou pelo menos não é fácil, praticar ações nobres sem os devidos meios. Os amigos, a riqueza e o poder político são usados como meios para a prática de boas ações. Em contrapartida, a má estirpe, a má descendência e a feiúra empenam a felicidade. (2007, pg. 30, 31).

Darrim M. McMahon, analisando Aristóteles, salienta que, aparentando coerência e simplicidade, a afirmação de que a felicidade humana é consequência da virtude é monumental. Embora a idéia já tenha sido levantada por Sócrates e Platão, Aristóteles a aborda mais diretamente. Ademais vê ali uma noção de teleologia: cada ser humano é feito para cumprir a sua missão. Verdade já não bem evidente em nossos dias. (2006, pg.60).

Espinosa vê na Alegria e na Tristeza o bem supremo da conduta humana. Nós fazemos tudo para evitar a tristeza e procurar a alegria. (1965, pg. 146 e sgts.)

Kant, concordando que a riqueza e os bens exteriores ajudam, introduz um novo bem. A única coisa boa sem limitação, no mundo ou fora dele, que pode ser pensado é uma boa vontade. Não adianta todos os dons do espírito como discernimento, argúcia, capacidade de julgar, e os demais talentos ou as qualidades do temperamento tais como coragem, decisão, constância de propósito sem uma boa vontade. Mesmo sendo coisas boas e desejáveis podem tornar-se extremamente maus e prejudiciais se a boa vontade, cuja constituição particular se chama caráter, que deve fazer uso destes dons naturais, não for boa. A boa vontade é a condição indispensável para sermos dignos da felicidade. (1980, pg. 109)

A vontade, isto é, a boa vontade, é o bem absoluto, a condição de tudo, formadora do bom caráter e mesmo da felicidade. Enquanto em Aristóteles o caráter está ligado às virtudes, o que poderia ser interpretado com o significado de que a ausência de virtudes levaria à ausência de caráter, em Kant, a vontade, se não for boa, não gera a ausência, mas o mau caráter.

Falando sobre o domínio de si, Aristóteles afirma que não se pode fazer mau uso das virtudes. Quando a razão domina as paixões, dizemos que o homem tem domínio de si. Quando as paixões dominam a razão, há falta de domínio de si. Se a razão não estiver em bom estado fará mau uso das virtudes. A idéia é a mesma da boa vontade kantiana com uma pequena diferença:

[...] Em conseqüência, se a razão estiver em más condições e as paixões em boas, não haverá virtude. (...) Não se pode conceber um mau uso das virtudes. (1995, pg. 180) (7)

Já Kant, em sua *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, afirma, ao contrário, que na falta da boa vontade, as virtudes podem se tornar más:

:

Moderação nas emoções e paixões, autodomínio e calma reflexão não são somente boas a muitos respeito, ma parecem constituir até parte do valor íntimo da pessoa; mas falta ainda muito para as podermos declarar boas sem reservas (ainda que os antigos as louvassem incondicionalmente). Com efeito, sem os princípios duma boa vontade, podem elas tornar-se muitíssimos más. (1980. pg.110)

Quanto às filosofias que têm, ou dizem ter, a vida como bem absoluto, encontra-se a de Espinosa, que, segundo Gilles Deleuze, visa demonstrar todos os empecilhos e os valores transcendentos contrários à vida, devido às ilusões e condições de nossa consciência; as categorias de bem e mal, pecado e perdão, culpa e não culpa, envenenam a vida através da raiva, muitas vezes contra si próprio; além disso, afirma ainda que Espinosa denunciou antes de Nietzsche as falsidades da vida, todos os falsos valores, o que faz da vida uma imitação da vida, levando a sonhar em evitar a morte: a nossa vida é um culto à morte. (2003, pg.39) (5).

Enrique Dussel também defende a vida como bem absoluto, mas vida material, empírica, quer dizer, não em sentido metafísico e universal: “Esta é uma ética da vida. A negação da vida humana é agora nosso tema”. (2002, pg.313 A crítica que ele faz refere-se a essa negação da corporalidade que se expressa no sofrimento das vítimas do sistema, dos dominados cujo exemplo são os índios, os operários, os escravos africanos, os asiáticos explorados, as mulheres, as raças não brancas, nossos descendentes que sofrerão as conseqüências da destruição da natureza, velhos sem rumo nem esperança de amparo, crianças abandonadas e imigrantes estrangeiros refugiados. É necessário que se tome conhecimento desta negação do outro. (2002, pg.313).

1.1.6 Ética como julgamento

A palavra ética é usada para designar o julgamento sobre determinada conduta. Henry Sidgwick, em seu livro *Methods of Ethiks*, dedica-lhe um capítulo, ao qual dá o nome de *Ethical Judgments*, (1962, pg.23) mostrando como estamos habituados a esperar que os outros

se comportem de determinada maneira, por dever. O comportamento esperado, todavia, deve ser o aguardado não por uma só pessoa, mas pelo grupo ou opinião pública. Ao julgar o comportamento de outro homem, não se tem em vista a finalidade a que se destina, isto é, não se trata de uma percepção de inadequação entre meios e fins. O agir esperado pode ser devido a uma imposição da lei positiva, sabendo-se que há uma sanção em caso de descumprimento, mas o que de fato se julga é o descumprimento ético, baseado no dogma de que todos devem cumprir a lei, ou que ela foi feita para ser cumprida. O imoral ou não ético é deixar de cumprir a lei. Quando a pessoa descumpridora é sancionada, cessa a indignação moral: é o sentimento de justiça que se levanta. Mas há outros comportamentos esperados que não se referem a lei positiva alguma. Nessa situação julga-se o comportamento errado, não racional ou mesmo irracional. Geralmente atribui-se a uma falta de controle dos sentimentos, falta de domínio de si, o fato do agir “errado”. É a questão do bem ou mal nas ações humanas. Outros comportamentos são aguardados em virtude de condições especiais. Isto pode ser visto na ética relativa dos advogados ou no caso dos políticos: todos esperam que os parlamentares e governantes se comportem dentro de padrões éticos. Sendo um parlamentar absolvido por uma suposta conduta não ética e estando a opinião pública convencida da culpabilidade, o julgamento recai sobre os que o inocentaram. Isso se deve ao que nós chamamos de ética relativa ou absoluta. Na absoluta o julgamento é feito pela sociedade. Sendo as virtudes a subjetivação dos valores nela imperantes cabe a esta o julgamento da conduta dos cidadãos. É recorrente, tanto na *Ética a Nicômaco* como nos *Grandes Livros de Ética de Aristóteles*, uma preocupação com o elogio ou a reprovação da conduta. Além do julgamento externo, há o julgamento interno: a consciência. Aqui o julgamento é feito pelo próprio ator que se arrepende de seu ato, remorso ou julgamento moral.

1.1.7 Ética como conduta

A palavra ética é usada para designar um tipo de conduta. Conduta significa ação, agir. Toda ética qualquer que seja o nome dado, tem como objeto a conduta humana. Marciano Vidal nos lembra que a conduta humana tem vários níveis, o que demonstra complexidade e riqueza, do ponto de vista psicológico. Problemas como “Que devo fazer”, “como posso agir?”, “Quais são meus limites?” e tudo o mais derivam do estudo da conduta do homem. Conceitos de liberdade, responsabilidade, são enfocados na conduta. Uma nova visão da conduta, teleológica, chamada ética da responsabilidade, defendida entre outros por

Hans Jonas, pretende criticar não só os princípios da ética tradicional como também o seu alcance, espacial e temporal:

(6) Todos os comandos e todas as máximas da ética tradicional, qualquer que seja a diferença de seus conteúdos, apresentam esta restrição ao alcance da ação (1990, pg.28).

Como se pode deduzir, explicar o que é ética não é fácil, conforme defende com razão Álvaro L.M. Valls, caso não se leve em consideração todas as possibilidades levantadas e outras tantas possíveis. Poderiam ainda ser levantadas questões relativas à liberdade, natureza humana, finalidade, comumente atribuídas à ética. Kant chama sua filosofia como "Metafísica dos Costumes". (1980, pg.105) Caberia à filosofia especulativa fornecer o Bem Absoluto de toda ética? Nesse primeiro capítulo não foi feita, propositadamente, nenhuma referência à ética religiosa. Ela será o tema do próximo. Foram apresentadas as idéias de três autores católicos: São Tomás de Aquino, Marciano Vidal e Jacques Maritain. Não tendo ocorrido nenhuma referência a autores protestantes. Nada relacionado a Lutero ou Calvino. O motivo é obvio: eles fazem parte da pesquisa sobre Max Weber, embora seja defendido que o assunto levantado, isto é, o sentido da palavra ética, se aplica, indistintamente, tanto ao cristianismo católico quanto ao protestante e, diga-se a qualquer outra religião, pois, como diz Émile Durkheim, resta a questão fundamental: "A moral não será mais a moral se ela não tiver nada mais de religião" (1951, pg.101) (7). Isto é, não se trata de introduzir a ética na religião, mas a religião na ética.

II

CONCEITO DE ÉTICA EM MAX WEBER

2 O PROBLEMA

Agora que já se tem uma visão geral dos sentidos atribuídos à palavra ética, será verificado em qual, ou quais sentidos, Max Weber utiliza a palavra, ou se há algum deles que especificamente poderá ser chamado sentido forte e outros secundários ou sentidos fracos. Graças à sua riqueza, a obra de Max Weber pode ser estudada sob diversos pontos de vista. Quando o nome do autor é digitado num sitio de busca na internet, aparecem mais de 17 milhões de possibilidades, o que mostra o interesse despertado pelo assunto e as mais desconhecidas opiniões a respeito. Entre os intelectuais comentadores e críticos (quantidade também considerável), como nos diz Jean-Pierre Grossein, na Apresentação que ele faz do livro *Sociologie des Religions*:

(8) A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo é, em diversos sentidos, um texto altamente paradoxal. Malgrado sua estreiteza e seu caráter inacabado, sublinhado com ênfase pelo próprio Weber em vista de seus detratores, esta “tese”, cuja estrutura argumentativa é particularmente complexa e difícil de resumir, tornou-se um texto canônico das ciências sociais – ao menos da sociologia da religião, em todo caso - engendrando uma massa considerável de comentários, exegeses e controvérsias. (1996, pg.52)

Evidentemente, todos esses comentários e interpretações não podem ser examinados. Destarte, serão averiguados apenas os três livros que seriam mais “pertinentes”, são os autores: Michel Ivas e Wilhelm Hennis, que tratam do conjunto da obra de Max Weber e, Annette Disselkamp, que se ocupa somente da Ética Protestante. Contudo, também serão levados em consideração, mas de maneira subsidiária, outros comentadores e tradutores como Jean-Pierre Grossein, Julien Freund, Antônio Flávio Pierucci e Adolfo Sanches Vasquez. Será iniciada pela verificação de sinonímia ou não entre os sentidos de ética e moral, como prometido, o que demonstra ser motivo de grandes confusões e enganos.

Antes, porém, convém falar sobre o tema de que trata o autor na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. O sociólogo Max Weber inicia sua pesquisa a partir de um problema social, como explicitamente afirma no início de seu livro:

Uma panorâmica da estatística profissional de um país pluriconfessional costuma mostrar com uma frequência significativa um fenômeno por várias vezes vivamente discutido na imprensa, literatura e congressos católicos da Alemanha: o fato de os dirigentes das empresas e os detentores de capitais, bem como as camadas superiores da mão-de-obra qualificada e, mais ainda, o pessoal técnico e comercial altamente especializado das empresas modernas serem predominantemente protestantes. (2005, pg.27)

Essa constatação óbvia, por vezes esquecida por seus comentadores, é o ponto de partida da pesquisa, pelo menos no ensaio publicado em 1904, completado em 1905. Devemos salientar que na Introdução, escrita em 1920, aparece um outro problema, que parece mais uma justificção da pesquisa:

O filho da moderna civilização européia tratará os problemas da história universal tendo em conta, inevitável e legitimamente, a seguinte questão: que encadeamento particular de circunstâncias levou a que no ocidente, e só aqui, tenham aparecido fenômenos culturais que – como pelo menos gostamos de pensar – se situaram numa direção evolutiva de significado e valor universais? (2005, pg.11)

Após mostrar os fenômenos culturais, ciência e arte (arquitetura, música) e o Estado com sua burocracia, acrescenta: “E o mesmo acontece com a força mais decisiva da nossa vida moderna: o capitalismo.”(2005, pg.11).

Antonio Flávio Pierucci, que traduziu a primeira edição do livro de Max Weber para o português, por ocasião de seu centenário, acoplado com as inserções feitas pelo próprio autor em 1920, nada diz sobre a Introdução. Mas, no entanto, ele salienta bem, na dobra da capa, essa dupla preocupação, escrevendo que o livro de Max Weber faz parte daquela categoria de livros que se tornaram fundamentais para o pensamento científico moderno: “A ética protestante e o “espírito” do capitalismo procura compreender um fenômeno observado na passagem do século XIX para o XX:” A seguir afirma que o maior desenvolvimento capitalista nos países de confissão protestante e a maior projeção dos protestantes no mundo econômico são os fatos apontados. (2005).

Na Apresentação que faz do livro, afirma que o objeto estudado por Max Weber não era o capitalismo como sistema econômico ou modo de produção, mas o capitalismo enquanto espírito, quer dizer, a cultura capitalista moderna, capitalismo vivenciado pelas pessoas na condução metódica do dia a dia, o que significa que o espírito do capitalismo é como a conduta de vida. (2005, pg.7).

Annette Disselkamp, no livro publicado a partir da tese defendida na Sorbonne, apresenta a visão de outro sociólogo, A.O. Hirschmann, autor do livro *As Paixões e os interesses*, comparando-a com a de Max Weber, para entender o problema a que procura responder a *Ética Protestante*: “[...] como uma atividade apenas tolerada pela moral pode se transformar em vocação no sentido de Benjamim Franklin?” Hirschmann reformulou a questão perguntando como foi que nós chegamos, num determinado momento da época moderna, a considerar honrosas atividades lucrativas, tais como a comercial ou a bancária, que durante séculos foram desprezadas e odiadas por serem a encarnação da ganância, do lucro desmedido e da avareza?” (1994, pg. 71) (9).

Esses e outros problemas, talvez dezenas, de fato, podem ser levantados na obra que pesquisamos, o que demonstra a sua grandiosidade e já referida riqueza. Mas não podemos, e não se deve esquecer que o próprio Max Weber coloca, como título do primeiro capítulo, um fato social como problema que, aliás, era assunto na sociedade de seu tempo.

2.1 A SOLUÇÃO

Após considerar vários fatores, tais como posse de riqueza transmitida hereditariamente, escolaridade e a situação política, que, embora pertinentes, não solucionam o problema, Max Weber afirma:

A explicação dessa diferença de atitude deve ser pois procurada nos traços de caráter intrínsecos e permanentes das duas confissões e não apenas nas respectivas situações histórico-políticas, temporárias e exteriores. (2005, pg.30)

Quais serão esses traços de caráter intrínsecos e permanentes? Max Weber não pretende utilizar-se da psicologia por razões que ele mesmo denuncia ao analisar o “aspecto antropológico do problema”:

E só depois, e na medida em que a neurologia e a psicologia das raças tiverem progredido para além da fase rudimentar em que se encontram – aliás, promissoras em muitos aspectos -, poderíamos talvez esperar obter resultados satisfatórios para esses problemas. (2005, pg.23)

Já em nota sobre o calvinismo (116), reafirma os motivos para deixar de considerar as relações “psicológicas” dos conteúdos religiosos da consciência, no sentido científico da palavra, não querendo mesmo utilizar a respectiva terminologia devido à falta de segurança dos conceitos, tanto da psicologia quanto da psiquiatria, que poderiam comprometer a objetividade da investigação histórica, no que diz respeito a seus objetivos. (2005, pg.162).

Falando sobre a excitação emocional metodista, em seu caráter patológico, comparativamente à sensibilidade dos pietistas, além de motivos históricos e publicitários, acredita que há nele uma penetração ascética da vida, de modo mais forte. Mas decidir sobre isso seria tarefa da neurologia, dando a entender que esta teria conceitos mais seguros que aquelas. (Nota 167) (2005, pg.169)

Na Anticrítica de 1910, a propósito do espírito do capitalismo, como resposta a Rachfahl, parece, colocando entre aspas a palavra, que tem uma interpretação particular do que seja psicologia. Seria uma psicologia em sentido formal e não científico o que, na época, não era nada absurdo:

(10) Aquele que não estiver interessado por toda esta “psicologia”, mas somente pelas formas exteriores dos sistemas econômicos, eu lhe rogo de não ler meus ensaios. E eu lhe rogarei também de ter a bondade de me deixar livre de querer me interessar justamente por este aspecto psíquico do desenvolvimento econômico moderno, tal como se revelam, no seio do puritanismo, as grandes tensões e os grandes conflitos interiores entre a “profissão”, a “vida” (como nos dizemos hoje em dia), e a “ética”, a isto dando um equilíbrio singular, que não existia dessa maneira nem antes e nem depois. (2003, pg. 369)

A opinião de Jean-Pierre Grossein sobre o assunto, na apresentação da *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* por ele traduzida para o francês, também vai no sentido aqui proposto, isto é, que o recurso que Weber faz às análises psicológicas ao mesmo tempo em que recusa a psicologia, parece indicar que trata-se de uma diferenciação entre psicologia e psicologismo no sentido de creditar à psicologia uma explicação última da realidade social, seja ligando o desenvolvimento a leis psicológicas seja decompondo os fenômenos sociais em processos psíquicos elementares, como na psicologia experimental.

Segundo ele, quando Weber pode explicar o sentido da ação social em termos de meios e de fins, não vê necessidade de recorrer à psicologia. (2003, pg L)

Hoje que o leque dos conceitos da psicologia já está bem mais seguro, as palavras utilizadas por Max Weber são interpretadas cientificamente como o faz, por exemplo, Wilhelm Hennis:

(11) Os puritanos conseguiram coordenar o “nú íntimo da personalidade” e o cotidiano das obrigações profissionais. Quais são as conseqüências para a “humanidade” se as ordens racionalizadas da vida cotidiana não permitem mais esta coordenação? Eu penso que é esta a questão capital que Weber pôs ao mundo onde nós estamos “jogados”, depois de Marx. (1996, pg.114)

A seguir, afirma que a impossibilidade de uma interpretação ética das relações sociais percorre toda a obra de Weber devido ao fato dessas relações terem se tornado impessoais, isto é, o empregado agora trabalha para uma pessoa jurídica sem rosto, sem consideração e sem coração. (1996, pg. 116).

Vem, a partir daí, uma longa explicação na qual são mostradas que as relações na sociedade moderna se tornaram anéticas, impossíveis de avaliação ética. A preocupação de Max Weber seria, assim, a formação da personalidade. Embora não seja apoiada a interpretação de autores antigos a partir de conceitos modernos, por exemplo, falar em “moral” de Aristóteles quando é quase certo que ele não conhecia essa palavra, que só causa confusão, será considerado e verificado se ele se aplica ao livro, objeto de presente pesquisas. O comentário de Hennis, se referindo ao conjunto da obra de Max Weber, deve incluir, evidentemente, A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, mesmo que, seja reconhecido que há dificuldades, face à complexidade e abrangência de seu pensamento. Julien Freund diz que, sendo a dispersão metodológica, científica e filosófica uma das características de seu pensamento, ao lado “do espetáculo de todos os antagonismos possíveis e irreduzíveis, em princípio, a qualquer sistema”, não seria uma infidelidade a Weber conferir uma aparência de harmonia a essa dispersão intencional, simplesmente porque dispersão não significa incoerência nem confusão de gêneros ou mesmo ecletismo. (2003, pg.9).

Aceitando que não haja incoerência e também se acredita nisso, pode-se mencionar Jean Delay e Pierre Pichot para saber o que é personalidade e se pode ser aplicada a Max Weber, como faz Wilhelm Hennis:

(12) O termo personalidade deriva do latim *persona* que designa a máscara do ator, de onde saiu igualmente a palavra *pessoa*. Uma das características da máscara do teatro antigo era sua permanência durante toda a peça. O aspecto permanente foi apreendido pela psicologia clássica que vê na personalidade “a função psicológica pela qual um indivíduo se considera como um eu, um e permanente. Na psicologia atual, a personalidade é definida como a organização dinâmica dos aspectos cognitivos (intelectuais), afetivos, conativos (pulsionais e volitivos), fisiológicos e morfológicos do indivíduo. (1990, pgs. 317/318)

A personalidade é integrada por fatores biológicos e psicológicos. Os biológicos são reunidos sobre o nome de temperamento e os psicológicos ou sociais recebem o nome de caráter quando se refere aos aspectos cognitivos, afetivos e conativos. A personalidade também pode ser definida em termos de traços. Delay e Pichot dizem que essa noção de traço tem sua origem no sentido comum, pois a linguagem sempre utilizou adjetivos para distinguir o indivíduo do ponto de vista de suas “disposições psicológicas”, tais como corajoso, indeciso, ansioso, violento, etc. Essas qualificações exigem duas coisas: que haja independência entre o indivíduo e uma situação específica, podendo se classificar o indivíduo por esse tipo de reação. (1990, pg.330).

Assim, traço corresponde a “disposição psicológica” o que leva a crer que realmente Max Weber se referia à psicologia em sentido formal, como ele afirma, falando do protestantismo ascético:

Quer isto dizer, na linguagem que temos usado: o ascetismo puritano – como qualquer ascetismo “racional” – trabalhava para tornar o homem apto a afirmar, face às suas “emoções”, os seus motivos constantes, em particular aqueles que o ascetismo lhe inculcava. Trabalhava, por assim dizer, na afirmação da sua “personalidade”, no sentido formal e psicológico do termo. Ao contrário do que o vulgo imaginava, o objetivo do ascetismo era poder levar uma vida desperta, consciente, clara. (2005, pg.102).

Como o número de adjetivos na linguagem é imenso, a personalidade pode ser qualificada de diversas maneiras, e o caráter, em seus aspetos afetivos e principalmente nos conativos, não tem limites de qualificação. Pode-se concluir que Max Weber está realmente preocupado com a formação da personalidade, mas, sobretudo, com a formação do caráter, nos domínios intelectual, afetivo e conativo, não incluindo fatores biológicos inatos ligados ao temperamento. Marianne Weber fala: “Toda a vida, Weber rejeitou com veemência a noção de que a natureza nos pré-forma de acordo com leis inevitáveis” (2003, pg.103); Quanto ao

domínio do cognitivo, será visto mais adiante. Daí, então, sua veemência ao falar que: “Deste modo, a diferença não reside no grau de desenvolvimento de qualquer “sede” de dinheiro” (2005, pg. 41). Antônio Flávio Pierucci e Jean-Pierre Grossein falam em “pulsão”, o que aparenta ser o mais correto. Enquanto o uso da palavra caráter é freqüente, o do termo personalidade é esporádico. Eis o quadro, usando o mesmo critério observado para a palavra ética, como será visto:

Caráter.....	76
Característico/a/s.....	56
Caracterizar.....	19
Caracteriológico.....	03
Caracteristicamente.....	03
Caracterizações.....	01
Total.....	158

Contando-se a Introdução, poderia ser acrescentada mais 06 vezes a palavra caráter e 08 vezes característico/s, perfazendo, no mínimo, um total de 172 ocorrências. Verificando-se uma hipótese também real, a existência de um “espírito do capitalismo”, entendido como uma disposição, um traço de caráter, o sustentáculo do capitalismo, ou seja, ganhar dinheiro pelo dinheiro e que se revela uma falsa hipótese na explicação do problema, Max Weber mostra que católicos e protestantes têm comportamentos diferentes devido a outro traço de caráter permanente: a profissão como vocação e o trabalho como dever, que já é anunciado no início de seu ensaio, sendo, na realidade, o espírito do capitalismo uma conseqüência daquele e, portanto, sem valor explicativo:

O ganho do dinheiro é – na medida em que se processar de formas legais-na ordem econômica moderna o **resultado e a expressão da capacidade profissional**, e esta capacidade é, como atualmente se pode constatar sem dificuldade, o alfa e ômega da moral de Franklin, tal como se nos apresenta no passo citado, bem como em todos os escritos, sem exceção. (2005, pg. 39).

Deve-se ainda assinalar que tanto o trabalho como vocação quanto o espírito do capitalismo são traços de caráter de origem social-psicológica e não de temperamento, quer dizer que não são produtos da natureza; podem ser conseguidos seja aumentando-se ou diminuindo-se os salários, tudo dependendo de um longo processo educativo. Trabalho efetuado como se fosse um objetivo absoluto, uma “vocação profissional”, como um dever. O ganho do dinheiro, como exemplo de “tradicionalismo”, é enfatizado por Weber: “[...] o

homem não deseja “por natureza” ganhar cada vez mais dinheiro”. Prefere viver como está habituado, ganhando apenas o necessário para viver comodamente. (2005, pg.43/44).

2.2 DIFERENÇA ENTRE ÉTICA E MORAL

Antes, ainda, da análise do sentido atribuído à palavra ética, convém verificar se há uma diferença entre moral e ética, o que já nos possibilitaria dar um passo importante na elucidação do problema. Assim, conforme foi observado que em Psicologia, caráter e personalidade não são exatamente coincidentes, sendo o primeiro um domínio da segunda, também foi ressaltado que, para alguns, moral e ética têm sentidos diferentes, ao passo que para outros são coincidentes. Existem ainda aqueles que consideram o primeiro como teoria e o segundo como objeto, caso de Adolfo Sanches Vasquez. E para Max Weber? Ele usa profusamente as duas palavras, embora ética apareça mais vezes. Ao contrário de “ética”, a palavra “moral” não aparece na Introdução:

Eis o quadro: ·

Moral.....	49
Imoral.....	03
Moralmente.....	10
Moralidade.....	08
Moralistas.....	06
Total.....	76

Usos da palavra moral:

1. Todas as asserções morais de Franklin. (pg.38)
2. Alfa e ômega da moral de Franklin. (pg.38)
3. Qualquer norma moral. (pg.41)
4. Moral para o exterior. (pg.41)
5. Indignação moral. (pg.49)
6. Naufrágio moral. (pg.49)
7. Qualidades morais pessoais. (pg.49)
8. Sentimentos morais. (pg.52)
9. Uma visão “moral” como a de Franklin. (pg.52)
10. Caráter exterior à moral. (pg.53)
11. Muito tolerada pela moral. (pg.53)
12. Sente uma obrigação moral. (pg.53)
13. Ação moral. (pg.56) (pg.100)

14. Mandamentos morais. (pg.56)
15. Superação da moral temporal. (pg.56)
16. Qualificação moral. (pg.58)
17. Acento moral. (pg.58)
18. Superação da moral. (pg.67)
19. Indiferente à moral. (pg.68)
20. Valor moral da contemplação. (pg.83)
21. Degradação moral. (pg.85)
22. Conduta moral. (pg.89)
23. Prática moral. (89)
24. Renovação moral. (pg.89)
25. Tolerância moral. (pg. 103)
26. Superação da moral laica. (pg.103)
27. Preceitos morais. (pg.105)
28. Moral puritana. (pg.106)
29. Submetia Deus è lei moral. (pg.106)
30. Moral profissional. (pg.110)
31. Polícia moral das seitas. (pg.122)
32. Ponto de vista moral. (pg.124)
33. Contra a moral burguesa. (pg.130)
34. Contra a moral de classe. (pg.130)
35. Moral burguesa. (pg.138)
36. Inferioridade moral. (pg.150)
37. Indignidade moral individual. (pg.150)
38. Ações meramente “morais”. (pg.154)
39. A contabilidade moral. (pg.158)
40. Tônica moral. (pg.158)
41. Código moral. (pg.173)
42. Teórico da moral. (pg.178)
43. Da moral que animava. (pg.181)
44. A mesma moral para os jesuítas. (pg.181)
45. Bem moral positivo. (pg.181)
46. Bastante “morais”. (pg.188)
47. Benefícios morais. (pg.188)
48. Aprendizagem moral. (pg.194)

Como está sendo levada em consideração a tradução portuguesa da Editorial Presença, 6ª. edição, é possível que em outras traduções, justamente por não haver essa distinção entre ética e moral, haja divergência quanto ao número tanto da palavra ética como da palavra moral. O exemplo é a passagem onde Weber fala:

Com a consciência de estar em estado de graça e com a benção de Deus, o empresário burguês, no caso de se manter nos limites da correção formal, de **a sua ação ética não revelar manchas** e de o uso da riqueza não ser

inconveniente, podia (e era obrigado) a prosseguir os seus interesses econômicos. (2005, pg. 136)

Antônio Flávio Pierucci traduz a frase em negrito como: “**de ter a sua conduta moral irrepreensível**” [...]. (2005, pg.161), Jean-Pierre Grossein também fala: “**se a sua conduta moral fosse irrepreensível**” [...]. (2003, pg. 244) (13). No original, em alemão, lê-se: “**sein sittlicher Wandel**” (2004, pg. 197). Nesse caso, considera-se a palavra como ética e não como moral, respeitando, desta forma, o tradutor de Portugal, que é base das análises realizadas, embora a preferência seja concordar com Pierucci e Grossein.

Os três autores que tratam do assunto, já assinalados, não se referem explicitamente ao assunto, dando a entender, especialmente Annette Dusselkamp, que são sinônimos. Michel Ista, por exemplo, apresenta uma opinião confusa: não se sabe exatamente o que ele quer dizer com as *Les Morales selon Weber* (As Morais segundo Weber). Na língua francesa, a palavra morale significa, segundo o Petit Larousse, “Conjunto de regras de ação e de valores que funcionam como normas numa sociedade”. Já a palavra moral: “Conjunto de faculdades mentais da vida psíquica” ou “Que concerne as regras de conduta em uso numa sociedade”. O certo é que ele traduz com o título de “*La morale économique des grandes religions*” aquilo que Jean-Pierre Grossein traduz por “*L'éthique économique des religions mondiales*”. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão na tradução da Introdução portuguesa da Editorial Presença também usam, quando se referem àquela obra, “ética” e não “moral” para o título. Trata-se de um capítulo do livro *Ensaio Reunidos de Sociologia* que em alemão recebe o título “*Die Wirtschaftsethik der weltreligionen*”. O fato de traduzir por moral o que outros traduzem por ética, induz o leitor a entender que tratam-se de sinônimos. Em português do Brasil, só Antonio Flávio Pierucci fala em “Ensaio Reunidos de Sociologia”, pois outros preferem “Ensaio de Sociologia”. Um exemplo seria o da Zahar Editores, que dão ao capítulo o título “A psicologia Social das Religiões Mundiais” ao invés de “ética” ou “moral”. Estas observações não ocorrem por acaso, uma vez que se acredite que Max Weber faz uma diferenciação entre ética e moral. No capítulo chamado “O espírito do capitalismo”, após apresentar a pregação de Benjamin Franklin como exemplo daquele espírito, afirma:

Todas as asserções **morais** de Franklin têm um cunho utilitário: (...) Não apenas o próprio **caráter** de Benjamin Franklin (...) o alfa e o ômega da moral de Franklin. (...) E muito menos se deve pensar que, para o capitalismo atual, seja a condição de existência a **apropriação subjetiva desta máxima ética** pelos seus únicos portadores, os empresários ou os trabalhadores das modernas empresas capitalistas. (2005, pg, 39)

O que é aqui apresentado é uma diferenciação entre ética e moral, sendo a moral interna e a ética externa. A moral de Franklin e o espírito do capitalismo são subjetivos, além dos seus traços do caráter e disposições psicológicas. Quando Franklin prega, sua moral torna-se “ética” (particular) e, se for apreendida e transformada em moral, tornando-se traços de caráter, tornar-se-á ética. Há uma interação entre ética e moral: “Quase pareceria adequado ignorar as bases dogmáticas éticas, para nos atermos apenas à prática moral, na medida em que possa ser constatada.” (pg.89) Max Weber nomeia ética e moral aquilo que Adolfo Sanches Vasquez afirma como moral, dividindo-a em planos: a) o normativo, constituído pelas normas ou regras de ação e pelos imperativos que enunciam o que algo deve ser; b) o fatural, ou plano dos fatos morais, que se constituem de certos atos humanos efetivamente realizados e são independentes de como pensemos que deveriam ser. No primeiro plano, ou normativo, as regras pedem determinado tipo de comportamento “ama teu próximo como a ti mesmo”, “respeita teus pais”, “não mintas”, “não te tornes cúmplice de uma injustiça” etc. Já no segundo, ou fatural, pertencem as ações concretas, isto é, o ato pelo qual uma pessoa se mostra solidário com outra, trata os pais respeitosamente, denuncia injustiças etc. (1999. pg.63).

Coincide, no plano normativo, àquilo que Weber chama ética. Mas no plano factual, a coisa se passa diferentemente, pois, como vemos, esse plano elimina completamente a noção de traços de caráter intrínsecos e permanentes defendidos por Max Weber e os Psicólogos Jean Delay e Pierre Pichot, já citados. Não existiria assim um homem corajoso, mas atos de coragem praticados em determinadas situações. No plano normativo, a regra “ama teu próximo como a ti mesmo” é externa ao sujeito, a não ser que, como dizem Jesus Cristo, Hegel, (como veremos) e Max Weber, fosse apreendida subjetivamente, transformando-se em um traço de caráter, transformando-se em “devo amar meu próximo”. É exatamente nesta questão que se encontra a chave de toda a problemática que está sendo pesquisada por Weber: a diferença de comportamento entre católicos e protestantes, em relação à ocupação de funções na sociedade, se deve a esta diferença nos traços de caráter intrínsecos e permanentes.

Esta é a resposta para a pesquisa de Weber:

Chegamos, assim, a um ponto muito importante da nossa exposição. Esta maneira de pensar, que se foi desenvolvendo cada vez mais nas igrejas e seitas reformadas, era criticada pelos luteranos como “santificadora das obras”. E – por mais justificado que fosse o protesto dos acusados contra a identificação da sua posição dogmática com a doutrina católica – não faltava alguma razão aos acusadores se se pensar nas conseqüências práticas de uma tal atitude para o quotidiano do cristão mediano da Igreja reformada. É que talvez nunca tenha havido forma de valoração religiosa da ação moral mais intensa que a de Calvino e seus discípulos. Mas o que é importante para o sentido prático desta “santificação das obras” é a compreensão das qualidades que caracterizam o modo de vida que lhe correspondia e o que as diferencia do quotidiano de um cristão mediano da Idade Média. Pode tentar formulá-las do seguinte modo: o leigo católico comum da Idade Média vivia, de um ponto de vista ético, por assim dizer, “no dia-a-dia”, cumprindo, antes de mais, as suas obrigações tradicionais com consciência. Todas as “boas ações” que realizasse, para, além disso, não constituíam uma série de ações necessariamente ligadas a um sistema de vida racionalizado. Eram antes uma sucessão de atos isolados que cumpria ao sabor das circunstâncias para redimir certos pecados, ou sob influência pastoral, ou ainda nas proximidades da morte, para garantir uma espécie de prêmio de seguro. É evidente que a ética católica era uma ética de “intenção”. Mas a **intenção** concreta de cada ação decidia do seu valor. (2005, pg.101)

Como é possível observar, existem traços de caráter intrínsecos e permanentes em uns e ocasionais e extrínsecos em outros (a rigor não se pode falar em traços). Intrínsecos no sentido de valor interno ao caráter. Extrínsecos na seguinte acepção: o valor depende da conseqüência da ação. Justamente a diferença entre católicos e protestantes. Homem virtuoso pratica ações virtuosas. O dever da profissão-vocação é intrínseco e permanente, a simples troca de profissão não é bem vista, pois caracteriza inconstância e não-permanência. Por isso, quando Weber fala em moral de Benjamim Franklin, manifestada em sua pregação, não depende de seu comportamento num dado momento apenas, mas é uma revelação de seu caráter. Trata-se da manifestação de um “ethos”, entendido como conjunto de traços de caráter: honestidade, pontualidade, aplicação ao trabalho e a retidão etc., que Antônio Flávio Pierucci assim analisa no glossário de seu livro:

Ethos- No movimento de definir o espírito do capitalismo, Weber o classifica como um ethos, para logo adiante definir o que é isso nos seguintes termos: “um determinado estilo de vida regido por normas e folhado a ética”. Evidentemente, uma definição dessas confere um sentido forte à palavra ethos. Em sentido fraco, ethos é termo genérico que vem usado frouxamente para designar um conjunto impressionístico de traços tidos como “característicos” de um grupo social ou mesmo de um povo. (2005, pg.283)

Como Max Weber diz explicitamente, ao se referir a Franklin: “Não se trata aqui apenas de lições sobre “esperteza para o negócio” – o que, de resto, é freqüente encontrar – mas de um ethos que se expressa, e que interessa precisamente nesta qualidade”, conclui-se que poderia ser uma característica individual também. Esta idéia é a mesma contida no Sermão da Montanha, obsessão de Weber: obedecer a lei interna e não a externa, que, em outras palavras significa: transformar a ética em moral, isto é, **apropriação pela moral da máxima ética**. É o exemplo já analisado por Hegel: (1983, pg. 60)

A intenção de Jesus era de acordar o sentido de moralidade, de agir sobre a atitude interior; é por isso que ele apresentava, às vezes em forma de parábola, exemplos de maneiras corretas de agir, particularmente daquelas que estavam em oposição com aquilo que um Levita legalista devia fazer; depois ele deixava ao sentimento dos ouvintes de julgar se aquela maneira de agir era suficiente. Em particular, ele mostrava o contraste entre o que exigia a lei civil ou ainda os mandamentos religiosos que se tornaram leis civis, e o que exigia a moralidade (especialmente no Sermão da Montanha) das leis. (1983, pg. 60) (14).

Weber transformou o *èthos* aristotélico (o costume), em ética e o *éthos* (caráter), foi modificado para moral. As virtudes morais pregadas por Franklin, que em Aristóteles só são virtudes quando exercitadas na práxis, como em Vasquez no plano factual, aparecem como traços permanentes e intrínsecos e, por isso, são virtudes, meios para atingir determinados fins. Eis a diferença entre código de ética e código moral. E isto tem muita importância:

A razão natural nada sabe de Deus (Barclay,op.cit.,p.102). Com isso se alterava a posição que de resto a *lex naturae* ocupa no protestantismo. Não podia haver em princípio general rules, um código moral, porquanto a “vocação profissão” que cada qual tem, e que é individual de cada um, Deus a mostrou através da consciência. Não se trata de fazer “o bem” - no conceito generalizante de razão “natural” -, mas de fazer a vontade de Deus. Tal como numa nova aliança foi escrita em nosso coração e se expressa na consciência (Barclay,PP.73ss e 76). Essa irracionalidade ética – resultante da antítese exacerbada entre o divino e a criatura – exprime-se nas seguintes frases, fundamentais para a ética quaker: “o que um homem faz em discordância com sua fé, mesmo que essa fé esteja equivocada, não é aceitável a Deus (...) mesmo que aquilo possa ser lícito a outrem (Barclay, pg. 487). (2005, pg.244).

A idéia de que Deus escreve no coração do homem a “vocação profissão” vem também expressa na famosa figura de coração de carne e coração de pedra de Calvino, citada por Max Weber:

Capítulo X (da vocação eficaz), nº 1: Todos aqueles que Deus predestinou à vida, e somente esses, aprouve-Lhe chamá-los eficazmente [...] por Sua palavra e Seu espírito, na hora apontada e aprazada, retirando-lhes o coração de pedra e dando-lhes um coração de carne; renovando-lhes a vontade e, por Sua onipotência, determinando-os para o que é bom [...] (2005, EPB, pg. 92)

A expressão “dando-lhes um coração de carne”, que aparece na tradução de Antônio Flávio Pierucci, para o português, e em Jean-Pierre Grossein, para o francês, é substituída, na tradução de Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, pela expressão “tirando-lhes o coração de pedra, renovando-lhes a vontade e destinando-lhes pela sua vontade onipotente o que é bom”(2005, pg.91).

Tudo leva a crer, todavia, que devemos aceitar as traduções brasileira e francesa que transmitem a idéia mencionada antes, de que a moral é escrita por Deus nos corações dos homens. Falando sobre o ganho do dinheiro Max Weber assim se expressa:

O ser humano em função do ganho como finalidade de vida, não mais o ganho em função do ser humano como meio destinado a satisfazer suas necessidades materiais. Essa inversão da ordem, por assim dizer, “natural” das coisas, totalmente sem sentido para a sensibilidade ingênua, é tão manifestamente e sem reservas um Leitmotiv do capitalismo, quanto é estranha a quem não foi tocado por seu bafo. (2005, pg. 46)

Embora também haja uma diferença na tradução da edição de Portugal que fala em “aos homens que não são movidos por ele”, enquanto a francesa diz “o sopro do capitalismo não tocou”, a idéia geral é a mesma, a saber, o homem é “tocado” por um sopro, talvez num sentido divino, como o que lhe deu vida. Na religião pneumática, Deus fala diretamente à consciência, já na predeterminação, na qual o dever já está gravado na consciência, o homem só não consegue entendê-lo devido a seu estado de pecado, bastando, todavia, um sopro para afastar a penumbra que o envolve. Num caso, o homem é receptáculo do divino, *unyo mística*, como no catolicismo ou no luteranismo, no outro o homem é instrumento: o Deus do

protestante é um Deus *absconditus*. Prenuncia talvez o aparecimento de um novo homem, uma quebra do tradicionalismo, do imobilismo, o empresário “novo estilo”. O espírito do capitalismo, como prova da certeza da salvação, é uma benção de Deus reservada aos escolhidos. Annette Dusselkamp, que dá a um capítulo de seu livro o nome de Espírito do Capitalismo como Ética, às vezes defende um sentido contrário ao proposto neste trabalho; outras vezes o apóia: “Eu sublinhei atrás que Weber (...) vê no “espírito do capitalismo” uma ética, e não a simples valorização das atividades lucrativas.” (1994, pg.76) (15). Todavia, falando da inovação que representa o espírito do capitalismo, afirma: “Ela explica porque, em Weber, este espírito não pode ser senão o produto de uma ética específica” (1994, pg.77) (16). Portanto, ou o espírito do capitalismo é uma ética ou é produto de uma ética. Essa aparente contradição só pode ser devida ao não esclarecimento do que Weber entende por moral e ética, embora ela fale também:

Em Weber, o espírito do capitalismo, produto exclusivo de um interesse religioso, a saber, do desejo nutrido por cada indivíduo de salvar sua alma, parece, falando propriamente, cair do céu. (1994, pg.73) (17).

O espírito do capitalismo não é uma ética: é uma moral. Espírito é coisa humana. Se espírito há, deve estar “encarnado”, não é uma “entidade” que anda à solta incorporando-se neste ou naquele sujeito. Como Weber bem assinala, é um sujeito individual histórico, um tipo ideal construído a partir de traços de caráter selecionados com finalidade determinada. Escolhendo-se traços de caráter diferentes, surgiriam outros espíritos do capitalismo ou do socialismo, dependendo da finalidade. Há uma certeza: o espírito do capitalismo não é natural. Deve-se lembrar que, ao falar de Benjamin Franklin, Max Weber apresenta o espírito do capitalismo como um dever; é justamente neste ponto que, pela primeira vez, aparece a diferenciação entre ética da convicção e ética da responsabilidade. Quem age por dever não tem outra escolha, só a responsabilidade intrínseca de agir de acordo com seu dever, seu caráter, sem se preocupar com as conseqüências de seus atos. O agente, ao proceder desta maneira, não tem ética alguma em vista, a não ser que, como no caso de Franklin, ele assuma a função de pregador, quando sua moral se torna “ética”. A ética do dever afasta totalmente qualquer possibilidade utilitarista, no sentido de Jeremy Bentham. A falta de compreensão desta premissa foi que levou Annette Dusselkamp a afirmar:

(18) Weber concede, ele mesmo, que Franklin não invoca essas qualidades a título de virtudes, mas de métodos de aquisição: “Não se poderá negar que todas que todas as exortações morais de Franklin revestem um sentido

utilitarista. (...) Com efeito: quando se lê em sua autobiografia a receita de sua “conversão” a estas virtudes, ou ainda as passagens expondo a utilidade de manter a aparência de modéstia, de se aplicar em diminuir seus próprios méritos a fim de obter a aprovação de todos, se chegará necessariamente à conclusão que estas virtudes, e todas as outras igualmente, não são, segundo Franklin, virtudes senão na medida em que são realmente úteis ao indivíduo. (1994, pg.78)

Realmente, é possível encontrar essas palavras em Weber quando ele está descrevendo o que se poderá entender das palavras de Franklin, “Todas as asserções de Franklin têm um sentido utilitário: a honestidade é útil, dado que traz crédito: o mesmo se passa com a pontualidade, a aplicação ao trabalho e a frugalidade, por, isso são virtudes”. Poderiam ser interpretadas não no sentido de que não sejam virtudes, mas que só são virtudes porque são úteis. Mas a ilustre escritora não percebe que Weber está afirmando que, numa primeira leitura, tem-se a impressão que seria essa a conclusão. Logo, porém, afirma: “Porém, na realidade, as coisas não são assim tão simples”. A partir daí, apresenta sua opinião. Franklin percebeu a “utilidade” da virtude devido a uma revelação de Deus, que o queria deste modo destiná-lo à virtude (...), na página 38 (Reafirma-se aqui a idéia de que é Deus quem grava na consciência do homem). O que Weber afirma, tratando da “aparência”, não é que “fingir” ser honesto é o mesmo que realmente ser. O que se deduz é que não basta ser honesto, é preciso que todos saibam que não se pode ser com soberba, mas modestamente. Como se pode dar preferência a um comerciante se não se souber que ele é honesto? A palavra *ERSCHEINEN* em alemão, que pode ter ocasionado mal entendidos, tem vários significados: aparecer, mostrar-se, aparentar, parecer, parecer-se, destacar-se, expor, expor-se comparecer, destacar-se etc. A edição portuguesa a traduziu por **te reveles**. Já a brasileira de Antonio Flávio Píerucci por **pareças**. A francesa de Grossein fala em **te done à voir** (se dar a ver). Pensamos que a que traduz melhor a idéia de Weber é a portuguesa de Ana Falcão Bastos e Luis Leitão que é: revelar-se. O honesto é que tem que se revelar, no sentido que os ingleses usam **show up**, mostrar-se, e não ser revelado, ser descoberto. Daí a máxima moral, que se transforma em ética: honestidade é a melhor política.

2.3 CONCEITO DE ÉTICA

Após mostrar que ética e moral não são coincidentes, para Max Weber, é preferível começar a tratar do conceito de ética a partir das afirmações muito generalizadas de que Max Weber não se interessaria pelos tratados de ética, críticas baseadas nas afirmações contidas na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* e repetidas na *Sociologia das Religiões*:

Com efeito, não nos interessa o que era ensinado teórica e oficialmente nos compêndios da ética do tempo – apesar da sua importância prática devido à influência da educação da igreja, ao acompanhamento espiritual e à pregação -, mas sim algo completamente diferente: o rastreamento das motivações psicológicas criadas pela crença e pela prática religiosas, que indicavam a orientação da vida e mantinham o indivíduo ligado a ela. Estas motivações brotavam em larga medida da peculiaridade das crenças religiosas. (2005, pg. 89)

Na Introdução da *Ética Econômica das Religiões Mundiais*, volta a afirmar:

A noção de “ética econômica” de uma religião será esclarecida progressivamente, nós esperamos, no curso mesmo de nossa análise. O que nós temos em vista, não é a teoria ética contida nos tratados de teologia, que pode servir somente de instrumento de conhecimento (sem dúvida importante, às vezes), mas as incitações práticas às ações enraizadas dentro das articulações psicológicas e pragmáticas das religiões. (1996, pg. 332).

Essas afirmações levaram Michel Ivas a escrever que para Weber, não há moral senão aquelas praticadas, não levando em consideração morais teóricas, elaboradas pelos pensadores. (1986, pg.23)

Prova evidente de que o autor trata como sinônimos, em Max Weber, as palavras ética e moral. Annette Dusselkamp fala também sobre o tema. (1994, pg. 53). Entretanto, não se encontra em nenhum dos autores, qualquer outra afirmação importante de Weber quando ele trata da relação entre ascetismo e espírito do capitalismo:

Para compreender as ligações das concepções religiosas básicas do protestantismo ascético com as máximas econômicas da vida cotidiana é necessário recorrer sobretudo aos textos teológicos mais importantes da prática sacerdotal. É que numa altura em que o outro mundo era a coisa mais importante na vida, em que a posição social do cristão se media pela

possibilidade de participar da celebração da comunhão, a influência do sacerdote através do acompanhamento espiritual e da disciplina eclesiástica e da prédica era de uma importância tal que nós, homens modernos, não podemos fazer dela a menor idéia; uma simples vista de olhos sobre as recolhidas de **consilia**, de **casus conscientiae**, etc. chega para nos convencer. As forças religiosas que se exprimem nessa prática são os elementos constitutivos do “caráter nacional” dos povos. (2005, pg.123)

Para falar sobre o assunto, o autor avisa que vai centrar-se em Richard Baxter, Spener, Robert Barclay, Bunyan e outros. Como se pode conciliar essas duas afirmações contraditórias? Weber não quer saber das teorias e sim da prática. Não lhe interessa discutir senão as influências deixadas, não a teoria em si mesma. Não resta dúvida sobre a importância que ele dá ao dogma da predestinação como fator determinante do comportamento dos puritanos e do aparecimento do espírito do capitalismo através da vocação-profissão. Esse simples fato, o de só se interessar pelos autores que tratam da cura das almas que, na realidade, é cura da moral, do caráter dos fiéis, demonstra, desta maneira, aquela já afirmada diferenciação entre ética e moral. Weber não se interessa por teólogos éticos e sim por teólogos morais.

Max Weber, como Aristóteles, embora não o defina expressamente, parte da ética como costume, a que dá o nome de tradição ou tradicionalismo que, segundo Marianne Weber, é um tipo ideal:

Criou conceitos de tipo ideal centrais, como o “espírito” do capitalismo ou o seu oposto, “tradicionalismo”. Eles não são definidos, mas “compostos”, isto é, suas características não deduzidas, mas derivadas da realidade, surgem aos poucos da pesquisa histórica. (2003, pg.401)

Sendo assim, as pessoas agem segundo o costume ou a tradição:

Mas, se olharmos para o **espírito** que enformava o empresário, tratava-se de uma economia “tradicional”: o modo de vida tradicional, o montante tradicional de lucro, a quantidade tradicional de trabalho, o modo tradicional de condução dos negócios, as relações com os trabalhadores e com os círculos clientes, essencialmente tradicionais, bem como a obtenção de clientes e de mercados, dominavam a atividade empresarial e estavam subjacentes – digamos assim – ao ethos desse tipo de empresários. (2005, pg. 48)

Nota-se a palavra “enformar”, colocar numa forma, que dá bem uma idéia de como o costume regravava a vida das pessoas. A palavra “ethos” também tem o significado de costume e moral. Não podemos nos esquecer que na práxis, na acepção comum, como bem fala Adolfo Sanches Vasquez, (“Filosofia da Práxis”, 1977, pg. 4) não existe reflexão, não se cria um objeto exterior ao sujeito, o que não quer dizer que seja “burra”, como às vezes se diz, mas as pessoas agem sem refletir, simplesmente porque estão habituadas. Hábito, costume, tradição, ética são a mesma coisa. “Explicações sobre a possibilidade de organizar o trabalho de uma forma mais fácil e sobretudo mais lucrativa esbarram com a sua total incompreensão e o aumento das taxas de remuneração à peça revela-se ineficaz contra a **força do hábito**”. (grifo meu) (2005, PG.45) Subitamente acontece um fato novo, a rotina é quebrada, aparece alguém com novas idéias, usos e costumes são questionados. A inovação recebe ataques de todos os lados. Como e porque isso acontece? Max Weber contesta o materialismo histórico que vê na mudança da infra-estrutura econômica, a causa única, de toda mudança na superestrutura. Entre as diversas causas das mudanças, o autor vê na religião uma das mais importantes, especialmente o protestantismo de Lutero e a igreja reformada de Calvino. A tradução de uma única palavra, Beruf, com conotação laica, foi o suficiente para, certo, com a força que adquiriu no puritanismo, causar um grande terremoto no comportamento moral dos homens. Um homem, uma palavra:

E, tal como o sentido da palavra, também a idéia é nova e um produto da reforma. [...] uma coisa era indubitavelmente nova: considerar o cumprimento do dever no quadro da atividade temporal como a ação moral mais elevada. (2005, pg.56)

Marianne Weber confirma o que significava ética para o marido, afirmando que em uma série de estudos chamados Die Wirtschaftsethic (A ética econômica das religiões mundiais) por ética Weber queria dizer, como na Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, “[...] não teorias teológicas éticas, mas os impulsos práticos para a ação derivados da religião” (2004, pg.396).

Eis o que nos diz Max Weber, na Introdução da obra citada:

Por “religiões mundiais”, nos entendemos aqui, sem nenhum julgamento de valor, os cinco sistemas de regulamentação da vida, religiosas ou

determinadas pela religião, que souberam reunir em torno delas massas particularmente importantes de fiéis: a ética religiosa confuciana, hindu, budista, cristã, islâmica. (1996, pg.332)

Fica evidente que Weber define como ética um sistema de regulamentação da vida:

Mas dever-se-á ter aqui em conta algo que hoje é frequentemente esquecido: o fato de a Reforma ter significado não tanto a eliminação da dominação da Igreja sobre a vida como, sobretudo, a substituição da sua forma anterior por uma outra. A substituição de uma dominação altamente acomodada, que na altura praticamente não se fazia sentir e era muitas vezes quase apenas formal, por uma regulamentação pesada e severa de toda a vida, que invadia numa medida quase inimaginável todas as esferas da vida privada e pública. (2005, pg. 28).

Na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Max Weber emprega a palavra ética no mínimo 154 vezes, incluídas as notas de rodapé. Levando-se em conta a Introdução que faz parte da tradução na edição da Editorial Presença de Lisboa, na qual nos baseamos, e da Ed. Pioneira de São Paulo, escrita por Max Weber em 1920, e que Jean-Pierre Grossein, na tradução francesa, afirma que foi escrita para os *Gesammelte Aufsätze zur Religiossoziologie* preferindo inseri-la na tradução daquela obra que tem como título *Sociologie des Religions*, teríamos que acrescentar mais cinco vezes a palavra ética.

Considerando-se todas as derivações, seria obtido o seguinte quadro:

Ética.....	154
Ético/s.....	30
eticamente.....	09
Ponto de vista ético.....	09
Total.....	202

Não obstante, os usos da palavra seriam:

1. Idéia ética do dever (pg.20)
2. Ética racional do protestantismo ascético.(pg.20)
3. Ética econômica das religiões universais. (pg.20) (pg.183) (pg.189)
4. Elementos da ética econômica das religiões ocidentais. (pg.21)
5. Conexões da ética religiosa. (pg. 22)
6. Ética protestante. (pg.25)

7. História universal da ética do cristianismo ocidental. (pg.26)
8. Uma “ética” particular. (pg.37)
9. Summum Bonum dessa ética. (pg.38)
10. “ética social”. (pg. 39)
11. Máxima ética. (pg.39)
12. Qualquer justificativa ética. (pg.42)
13. Surgido no quadro de uma “ética”. (pg.42)
14. Limitações da ética. (pg. 42)
15. Justificação ética. (pg. 42)
16. Surgido no quadro de uma ética. (pg.42)
17. Qualquer máxima ética. (pg.49)
18. Base ética da conduta. (pg.53)
19. Ética religiosa da Idade Média. (pg.60)
20. Fundamentos psicológicos de uma ética racional da profissão. (pg.60)
21. Características éticas. (pg.61)
22. Antiga ética protestante. (pg.62)
23. Reforma ética. (pg.62)
24. Sociedades para “Cultura ética”. (pg.62)
25. Ética profissional. (pg.64) (pg.88) (112) (113)
26. Desconfiança ética. (pg.65)
27. Ética de Benjamin Franklin. (pg.67) (pg. 69)
28. Qualidades éticas. (pg.68)
29. Proveniente da ética monástica. (pg.70)
30. ... a par da ética e da... (pg.70)
31. ... e não de ética. (pg.70)
32. Ética fundada na religião. (pg.71)
33. Ética cristã tradicional. (pg.71)
34. Esta ética exerça. (pg.71)
35. Ética de Wyclif. (pg.71)
36. Qualidades éticas do trabalhador. (pg.72)
37. Ética capitalista. (pg.73) (121)
38. Éticas religiosas do mundo. (pg.74)
39. Entre as éticas católica e protestante. (pg. 74)
40. Ética econômica dos escotistas. (pg. 75)
41. Ética econômica do catolicismo. (pg. 75)
42. Ética monástica. (pg.75) (76)
43. Doutrina ética. (pg. 75) (89)
44. Ética religiosa. (pg.76) (82) (180)
45. Ética cristã. (pg.76) (pg.173)
46. Acepção ética. (pg.77)
47. Conotação ética. (pg.77)
48. Ética dos Lolandos. (pg.81)
49. Ética social de Lutero. (pg. 85)
50. Traços profundos na ética. (pg.89)
51. Ética do tempo. (pg.89)
52. Atitude ética. (pg.95)
53. entre o “indivíduo” e a “ética”. (pg.96)
54. Ética calvinista. (pg.96) (pg.186) (pg.187)
55. Ética católica. (pg.101)
56. Ética da intenção. (pg.101)
57. A prática ética do homem comum. (pg.101)

58. à luz desta ética. (pg.102)
59. Ética sistemática. (pg. 103)
60. com a adesão de sua ética à...(pg.104)
61. Conduta ética. (pg.105) (106)
62. Metodologia ética da conduta. (pg.105)
63. Debilidade ética. (pg.107)
64. Organização ética. (pg.107)
65. A ética destes (pg.110)
66. a ligação entre ética...(pg.112)
67. esta ética foi... (pg.113)
68. Ética ascética. (pg.114) (pg.124) (pg.169)
69. Ética metodista. (pg.116)
70. a ética do metodismo. (pg.116)
71. Ética prática. (pg.117)
72. ...cuja ética. (pg.117)
73. Ética batista. (pg.120) (pg.168) (pg.171)
74. Ética dos batistas. (pg.120)
75. Ética dos puritanos. (pg.120)
76. Ética política. (pg.121)
77. Influência ética. (pg.121)
78. Ética puritana. (pg.123) (pg.147) (pg.148) (pg.174) (pg.179) (pg.184)
79. Literatura ética. (pg.124)
80. Obrigação ética. (pg.126)
81. a ética dos Quakers. (127) (pg.183)
82. Ética do Antigo Testamento. (pg.128)
83. Determinações éticas fundamentais. (pg. 129)
84. Ética econômica. (pg.129) (pg.145) (pg.154) (pg.171) (pg.179)
85. Ética Judaica. (pg.130) (pg.183) (pg.185)
86. Base ética adequada. (pg.132)
87. Ética do protestantismo. (pg.132)
88. Inibições da ética. (pg.133)
89. Valorização ética das boas ações. (pg.133)
90. Ação ética. (pg.136)
91. Ética medieval. (pg.137)
92. Ética social. (pg.137) (pg.152) (172) (pg.173)
93. Ética secular. (pg.139)
94. Ética político-social. (pg.140)
95. Ética israelita. (pg.146)
96. Em matéria de ética. (pg.146)
97. Qualquer ética ascética. (pg.147)
98. A ética de Port Royal. (pg.148)
99. Atividade ética. (pg.157)
100. Teoria ética do Luteranismo. (pg.158)
101. Ligação da ética com a fé. (pg.158)
102. Lei ética natural. (pg.159)
103. Teoria ética. (pg.159)
104. Ética Quaker. (pg.173)
105. Consideraram a sua ética. (pg.173)
106. Ética profissional. (pg.173) (pg.181)
107. Por razões éticas. (pg.177)
108. Glorificação ética. (pg.177)

109. Ética do trabalho. (pg.177)
110. Impregnação espiritual e ética. (pg.178)
111. Ética hindu. (pg.179)
112. Teorias éticas. (pg.181) (pg.181)
113. Ética herética. (pg.181)
114. Das duas éticas. (pg.181)
115. Normas éticas. (pg.183)
116. Ética Talmúdica. (pg.184)
117. Dupla ética. (pg.185)
118. Motivações éticas. (pg.193)

Comparando seu uso com o da palavra moral, pode-se verificar que só em uma ocasião são igualmente adjetivadas: ética puritana e moral puritana. Mas a diferença entre os dois significados fica esclarecida na frase em que a segunda é usada:

Movimentamo-nos até agora no terreno do calvinismo, pressupondo a doutrina da predestinação como pano de fundo dogmático da sua moral puritana, no sentido de uma conduta ética metodicamente racionalizada. (2005, pg.106)

Ética e moral estão em dois campos diferentes, em dois domínios da personalidade: a moral pertence ao domínio do afetivo, conativo e do caráter; já a ética pertence ao domínio do cognitivo e intelectual. Devido à importância que a psicologia formal assume para Max Weber, convém reforçar a argumentação através da visão de outro especialista, agora no campo da psiquiatria. Isto não significa que a personalidade seja composta de domínios independentes, Lúcia Maria Sálvia Coelho, substituindo o termo domínios por setores, afirma que os três setores da personalidade não se constituem em conjuntos isolados e independentes de funções psíquicas. Estão de tal modo inter-relacionadas que não se pode distinguir, em cada ato realizado, a participação de cada uma isoladamente. Só abstratamente ou através de estudos de comportamentos desviantes se pode compreender essa integração funcional e a participação de cada uma delas no psiquismo do indivíduo. (2008, pg.34).

Sobre o setor ou domínio do conativo, ela mesma informa que Silveira utiliza o termo conação, já usado por MacDougall, para expressar as funções subjetivas da atividade. MacDougall inclui nesse conceito a intenção e a espontaneidade do indivíduo executante da

ação, não considerando o trabalho mental, como o fazem Comte e seus discípulos. O termo conação, latim conatus, significa executo, isto é, realizar a partir da intenção é adequado para traduzir esse setor da personalidade. (2008, pg.25).

A autora afirma que em todos os atos humanos pode-se distinguir o plano objetivo ou de execução e o subjetivo ou de conação. O primeiro representa a exteriorização do movimento e depende do aparelho periférico da motilidade. O segundo, as disposições conativas, os fatores subjetivos e resultam de funções cerebrais. Na conação diz-se que Silveira distingue elementos extrínsecos ou móveis afetivos – motivações que estimulam a ação, incluindo os instintos e os sentimentos, e elementos intrínsecos – que constituem as funções conativas propriamente ditas. Em seguida, retoma:

Distingue, também na esfera conativa, três funções: em primeiro lugar, a que permite a iniciativa para a ação, constituindo, portanto o elemento subjetivo que desencadeia a ação explícita ou estimula a percepção e o raciocínio. Em seguida, a função conativa responsável pelo bloqueio ou pela moderação da exteriorização explícita. E finalmente a função psíquica que preside a estabilidade, quer dando continuidade aos atos, quer mantendo o raciocínio, ou a observação que se traduz na atenção. Assim, quando o indivíduo toma uma decisão e resolve agir, precisa inicialmente estar motivado afetivamente para realizar o ato, e, além disso, utilizar os recursos intelectuais para adaptá-lo à realidade: são ambos aspectos extrínsecos, que interferem na conação. Mas, o que permite iniciar o comportamento (estímulo) e refrear ao mesmo tempo os impulsos inadequados (inibição) são as funções conativas. (2008, pg.26)

Destarte, pode-se entender porque Max Weber está interessado em “rastrear as motivações psicológicas criadas pela crença e pela prática religiosas que indicavam a orientação da vida, e mantinham o indivíduo ligado a ela”, (2005, pg.89) ou, como fala em outro texto, já citado, “as incitações práticas às ações, enraizadas dentro das articulações psicológicas e pragmáticas das religiões”. Marianne Weber, sobre a vida particular de Weber, afirma:

Qualquer que tenha sido a atitude de Max Weber quanto a esses ensinamentos, a liberdade intelectual e moral, a “autodeterminação” da personalidade por uma obrigação moral (Soll) permaneceu para ele uma lei básica durante toda sua vida, como uma lei a que conscientemente se submetia e da qual constantemente se assegurava testando sua observância prática dela. (sic)

Outra convicção que permaneceu com Weber durante toda sua vida também foi expressa por Kant e pelo jovem Fichte e também adotada por Channing ou derivada independentemente por ele – ou seja, que o propósito das instituições políticas e sociais é o desenvolvimento de uma personalidade autônoma. (2003, pg.107)

Neste trecho, encontram-se informações importantes não só da diferença de domínios intelectual e moral com a “autodeterminação” da personalidade, mas também as funções que devem desenvolver tanto estado como sociedade. Aristóteles fala que a função da política é formar cidadãos virtuosos; aqui se trata de formar a personalidade autônoma. A função, ou não função, dada ao estado parece ser uma resposta a Tocqueville, em *A Democracia na América*, que pretende que a função do estado seja fazer os cidadãos felizes, princípio contido na Declaração de Independência nos Estados Unidos o que levou alguns cidadãos a processarem o estado por serem infelizes. Max Weber é absolutamente contra essa posição, tendo-se manifestado diversas vezes. Marianne Weber, explica:

Não estamos nos engajando em política social para criar felicidade humana. O discurso da noite passada do pastor Naumamm refletiu uma infinita aspiração pela felicidade humana e estou seguro de que todos nos comovemos. Mas nossa atitude pessimista nos leva, e a mim em particular, a um ponto de vista que me parece de importância incomparavelmente maior. Creio que devemos abandonar a criação de um sentimento positivo de felicidade no curso de qualquer legislação social. Desejamos alguma coisa a mais e só podemos desejar alguma a mais. Queremos cultivar e apoiar o que nos parece valioso no homem: sua responsabilidade pessoal, seu impulso básico para coisas superiores, para os valores intelectuais e morais da humanidade, mesmo quando esse impulso nos confronte em sua forma mais primitiva. Até onde está em nosso poder, desejamos dispor as condições externas não com vistas ao bem-estar do povo, mas de modo tal a preservar – face à inevitável luta pela existência, com seus sofrimentos – aquelas qualidades físicas e espirituais que gostaríamos de sustentar para a nação. (2003, pg.166)

A ética racional do puritanismo ascético procurou eliminar o lado afetivo e sentimental. É o domínio de si, domínio da razão sobre a emoção e sobre o mundo. Isto significa que a ética racional não pode ter como bem absoluto um sentimento, muito menos um bem material. Ao se dizer, por exemplo, que a ética calvinista é uma ética do trabalho, estamos condicionando esse bem absoluto a uma categoria jurídica, já que o trabalho válido

para o puritano é o trabalho legal. Submetido à legalidade o trabalho fica dependente de alguém ou alguma coisa que decida o que é trabalho legal, não sendo, portanto, bem absoluto, metafísico ou transcendente. O que dá valor ético ao trabalho é o dever decorrente de uma missão divina "beruf" ou "calling". O homem deve trabalhar para aumentar a glória de Deus. O bem absoluto é Deus. Sem essa relação o trabalho não tem valor algum, nem deve dar alegria alguma. Não há sinais de que a ética puritana fale em "trabalhar como empregado" embora cada qual deva aceitar a condição em que se encontra. Annette Disselkamp, analisando o pensamento de Biéler, explica:

Da mesma maneira, Weber exagera, aos olhos de Biéler, a "paixão ascética do trabalho" do Calvinismo. Se é verdade que Calvino deu ao trabalho cotidiano um valor próprio, ele jamais "glorificou a ação pela ação". Ao contrário, ele "se irrita e se levanta contra a dominação do trabalho sobre a vida"; porque Deus só e seu Reino devem guiar a procura e a esperança cotidianas do crente; e nenhum valor humano, nem mesmo a mais alta virtude deve tomar o seu lugar. (1994, pg.51) (19)

Não se pode concordar que Weber exagere, pois é precisamente isso que ele fala. Além do mais, o puritano devia se afastar do prazer mundano, hedonismo e eudomonismo não podiam ser objetivos de sua ação. O que Weber diz é isso: o racionalismo ascético puritano transformou o amor ao próximo numa prestação de serviço da vocação profissão. A desconfiança em relação aos homens, aos amigos e mesmo ao pastor não permite a manifestação de outro tipo de amor, sob pena de adoração da criatura. O isolamento do cristão, que só pode contar consigo mesmo, é resultado de uma crença. Toda ética, para gerar determinado comportamento, tem que criar uma crença, ou partir de uma já estabelecida, modificando-a. Essa atuação da ética não se dá, todavia, no sentido conativo, mas no intelectual. É justamente isso que interessa a Max Weber: por que em determinado momento da história aparece alguém, ou alguma coisa acontece que modifica a história e o costume, operando uma nova ética e inculcando, psicologicamente, novos traços de caráter, nova crença, novos impulsos conativos, que, apesar da repulsa inicial, acabam se afirmando, até tornarem-se nova rotina? Religião e crença também fazem parte do costume. E o mais importante: por que o homem aceita a ética existente e há sempre um mal estar quando aparece um fato novo? O homem age simplesmente como todos agem.

De tudo que foi dito pode-se deduzir que está totalmente descartada a possibilidade de se entender a palavra ética, na Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, com o sentido

de crítica que lhe dá Enrique Dussel. Embora não sendo um dos tópicos deste trabalho, fica também afastado qualquer entendimento da palavra como significando ciência da moral, como em Adolfo Sanches Vasquez. À página 103 da obra estudada aparece a expressão “ética sistemática” cujo sentido é totalmente diferente do tópico apresentado. Não se trata de sistema filosófico de ética, mas como conjunto sistematizado de normas. Também não se pode entender como significando história dos sistemas éticos, no sentido evolucionista, e muito menos a história da ética, como nós lhe atribuímos.

A ética para Max Weber tem sentido de um regulamento metodológico estabelecendo meios para alcançar determinado fim: decreto regulamentar, mais administrativo que forense. Não exatamente o regulamento, mas o constrangimento psicológico que ele provoca na determinação do caráter. Porém, deve-se salientar que só é ética quando transformada em moral. É o caso típico do fariseu, que cumpre a lei sem interiorização, ou seja, por interesse. O exemplo é mostrado por Weber no caso de Benjamim Franklin: não se trata de uma ação isolada, mas de um ethos. O Sermão da Montanha, também um Decreto regulamentar, (“não vim abolir a Lei”), teria mais um caráter forense, às vezes um Decreto-Lei. Tanto a Lei quanto o Decreto-Lei e o Decreto são chamados ética, formadora da moral, do caráter, que Wilhelm Hennis chama de personalidade. A formação, a influência se dá em relação ao intelecto, a sistematização da conduta de vida se faz através das crenças. Regulamentar, disciplinar a vida significa constranger a liberdade. Max Weber, como vimos, não é um metafísico, não discute a liberdade. Mas fala sobre a educação da criança que tem seu caráter moldado pelas determinações que encontra ao nascer. Não tendo ainda suas crenças, a criança tenta reproduzir o comportamento dos pais. Com o processo de socialização ela vai formando suas convicções até se tornar independente: “A ordem econômica capitalista dos nossos dias é um universo de grandes proporções, que os indivíduos encontram ao nascer, e que constitui para cada um deles, pelo menos enquanto indivíduo, um contexto que não se pode modificar e onde se terá de viver”, diz Weber (2005, pg.39). Nesse sentido, só existe um tipo de ética: o costume, a tradição que inclui a religião. Max Weber fala poucas vezes em ética social, como ficou demonstrado, e nenhuma em ética “elaborada por pensadores”, como diz Michel Istas. Seu tema exigia dedicação às éticas religiosas, cujos SUMMUM BONNUN são: a salvação, no catolicismo e no luteranismo, enquanto no calvinismo é a glória de Deus. Já no espírito do capitalismo, ganhar dinheiro por dinheiro não é um fim absoluto, mas é como “se fosse” o bem absoluto de uma “ética”. Na realidade é um meio de comprovação da eleição. O sucesso equivale à certeza de ser um dos eleitos. O espírito do capitalismo não é resultado da ética puritana: “O que eu disse sobre os traços do “espírito do capitalismo”, para

cuja determinação a ascese protestante em nada contribuiu” [...] (2003, pg.408) (20) “O catolicismo, apesar da sua maior tolerância moral, não deixou de afirmar que, com uma vida desprovida de qualquer ética sistemática era impossível atingir os ideais mais elevados que propugnava, mesmo na vida secular” (2005, pg.103). Finalmente é preciso dizer que a ética ascética puritana é a racionalização metódica da conduta de vida, mais não tem sentido de conduta de vida, apesar de Weber utilizar esta expressão 83 vezes, o que mostra a sua importância. Está superada a teodicéia e a procura de uma finalidade para a vida. A ética em Max Weber não trata da questão do bem e do mal, não trata do julgamento: “A eliminação completa do problema da teodicéia e de todas essas questões sobre o “sentido” do mundo e da vida, sobre os quais outros se preocuparam, eram evidentes para os puritanos como – por razões diferentes -- para os judeus”. (2003, pg.115) (21).

III

3 CONCLUSÃO

A obra de Max Weber é tão vasta e abrange tantas variáveis, que seria necessário, e certamente há os que o fazem, estudá-la por anos e anos para poder compreendê-la. Procurou-se apenas estudar um ponto específico, que é analisar o significado da palavra ética. Propositadamente, não houve referência àqueles pontos que mais causaram polêmica através dos anos, dentre os quais, poderiam ser citados três: primeiro, a relação de causa e efeito entre protestantismo e capitalismo; segundo, uma possível negação do materialismo histórico, oposição a Karl Marx; terceiro, o processo de “racionalização” do mundo, com o seu conseqüente desencantamento. Esses são geralmente os assuntos mais debatidos, contestados e criticados das idéias de Max Weber, além, é claro, do espírito do capitalismo.

Não só na Ética Protestante como nas críticas e anticríticas, Weber desmentiu categoricamente que pretendeu dizer que o capitalismo é uma conseqüência do protestantismo. O autor escolheu certos traços do caráter em função de suas necessidades teóricas, como, por exemplo, os inculcados e sistematizados pela ética religiosa, no caso, calvinista. Surgiriam outros resultados se fossem escolhidos outros traços. Mas o que não era pretendido da conduta no cumprimento do dever da vocação profissão, como a perseverança e a obstinação, foi o espírito do capitalismo e o ganho do dinheiro pelo dinheiro, supostamente querido por Deus e que é o sinal da comprovação da eleição. Aqueles que fazem uma ligação direta entre protestantismo e espírito do capitalismo, sem a intermediação do trabalho como dever da vocação-profissão e a restrição ao consumo, cometem erro: caso de Annette Dusselkamp e todos os autores por ela citados. O espírito do capitalismo é um filho bastardo da ética protestante. O segundo ponto também é explicado no livro que foi analisado, o qual deixa claro que as condições econômicas influenciam sem dúvida alguma o dia a dia dos homens: o que ele não aceita é a idéia de causa única. Embora nos dias atuais, essas críticas já não sejam levadas em grande conta pela maior parte das pessoas que se aprofundam em sua obra, alguns, geralmente os de “primeira leitura”, sentem um mal estar, principalmente os fundamentalistas religiosos ou os marxistas ortodoxos. Quanto ao “desencantamento do mundo”, embora já existam vários livros sobre o assunto, há ainda os que o confundem com “desencantamento com o mundo”, caso de André Comte-Sponville, salvo erro de tradução. (2005, pg. 36) Uma quarta e quinta controvérsias, entre tantas outras, o calvinismo com ética

do trabalho, ou a expressão “jaula de aço”, tradução americana, já foram também amplamente discutidas. Embora haja consciência de que todos eles estejam ligados ao tema abordado, procurou-se afastar de tal assunto por tratar-se de pontos difíceis e analogicamente, semelhante a um campo movediço.

O hoje, que não é o mesmo de Max Weber, mas que está relacionado, quando o protestantismo faz parte da rotina, dos usos e costumes, só com muito esforço e estudo, principalmente graças a Max Weber, pode-se perceber as influências deixadas por aquele processo de mudança nos hábitos e idéias. Qualquer pessoa que estude a revolução industrial inglesa não pode negar o importante papel desempenhado pela Reforma na história da humanidade. A partir de um evento negativo, o despejo de milhares de servos nas cidades do Reino Unido ocasionado pelo cercamento das terras comuns, face à necessidade de aumentar a produção para atender ao consumo ocasionado pelo incremento da população européia e a exportação para as colônias que, graças à dupla moral, tinham suas indústrias destruídas pela armada inglesa, o protestantismo ajudou a construir algumas das maiores nações do mundo, em termos capitalistas. Essa era a dura realidade. Basta ler Leo Huberman, *A História da Riqueza do Homem* ou Paul Mantoux, *A Revolução Industrial no Século XVIII* para entender a situação precária e insalubre dos trabalhadores naquela época: trabalho era mortificação. Ascese intramundana significava sofrimento, martírio. Como criar um tipo ideal baseado na conduta de vida dos puritanos a partir desse mundo? Não através de historiadores, nem de corpo presente, nem dos tratados éticos, mas sim dos relatos dos religiosos que estavam em contato direto com os cristãos, no seu dia a dia, ouvindo suas lamentações. Pois foi isto que Weber fez, embora trate do capitalismo como espírito, como assinala Pierucci, mas não metafísico, como fala Julien Freund: “Depois que eu freqüento a obra de Weber, procuro encontrar as razões da repulsão, quase constante, que ele manifesta em relação à metafísica.” (1990. pg.03) (22). O próprio Weber afirma na anticrítica final: “[...] uma construção espiritualista que eu mesmo recusei nos meus estudos.” (2003, pg.416) (23).

Deste modo, a cultura capitalista é bem real: destruição do mundo, poluição, derretimento da calota polar devido à destruição da camada de ozônio com suas conseqüências trágicas, inclusive com a possibilidade de extinção da vida na terra. Mas se todos os habitantes da Inglaterra pretendessem ganhar dinheiro e não consumir, como indicava sua moral, o sistema certamente não funcionaria, quer dizer, seria outro, pois capitalismo sempre existiu, independentemente do que Weber chama espírito do capitalismo. Sem consumo não haveria capitalismo moderno, nem real nem ideal. Aquela mão dupla explicaria também a doutrina weberiana que é válida quanto ao problema da acumulação

primitiva, mas não como sucesso do capitalismo, pois este só se sustenta na sociedade de consumo, contra as exigências da ética puritana. Deve-se dizer que nunca foi intenção de Weber explicar o capitalismo moderno:

[...] com efeito, meu interesse central não se refere ao encorajamento da expansão capitalista, mas sobre o desenvolvimento de um tipo de homem que foi criado pela conjunção de componentes de origem religiosa e de origem econômica, (2003, pg.417) (24).

Isso, dá razão a Hennis. Poderia-se pensar na solução mais simples para o problema, não citado por Weber, bem entendido como: o protestante produz, ganha dinheiro e o entesoura: o católico consome. Mas logo essa saída se revelaria falsa. O exemplo típico são os Estados Unidos: país majoritariamente protestante e maior consumidor mundial. Como explicar o espírito do consumo? Que traços de caráter escolheríamos para construí-lo? Teríamos um espírito diferente para países de origem protestante e o de origem católica? Talvez a razão possa ser encontrada na racionalização da ética puritana, não como causa, mas em sua relação de afinidade eletiva com o capitalismo. Ambos se pretendem “racionais” com razões invertidas: o puritanismo ascético procura dominar os sentimentos para afastar suas influências nefastas que representam o aspecto do homem como criatura, que leva à desobediência.

O capitalismo tem a mesma pretensão, com finalidade contrária: dominar para explorar. A ética capitalista do consumo explora os sentimentos, as emoções e paixões, os lados afetivo e conativo do caráter, enquanto a ética protestante opera sobre os lados intelectual e conativo. Se tivéssemos que escolher traços de caráter para formar o espírito do consumo, seriam certamente a arrogância e a inveja, os aspectos considerados “negativos” do caráter. Acumulação e consumo são opostos: o consumo pode ser analisado do ponto de vista da necessidade, é o consumo sóbrio, pregado pelos religiosos, no caso os puritanos, e o consumo como impulso gerado pela ética capitalista (no sentido weberiano de regulamento que determina o caráter do homem). Um é “natural”: o homem precisa comer, beber e se proteger das condições adversas. O outro é gerado pelo hábito. A acumulação obedece ao mesmo princípio: quando se vive em condições geográficas com seis meses de neve por ano, o homem tem que acumular para não morrer de fome. Quem não tiver o celeiro cheio para dar de comer a sua família terá pouca chance de sobreviver. Quem mora na cidade, não tendo celeiro para encher, tem que fazer a acumulação na única forma possível: em dinheiro no

banco. Desta, resulta a chamada “acumulação primitiva” que deu origem ao capitalismo. Quando a acumulação se destina à satisfação das necessidades, quer no celeiro quer no banco, não contraria o Sermão da Montanha, não é “acumulação de riqueza na terra”. Eis o drama dos puritanos. Se o capital inicial saiu da exploração das colônias, do ouro acumulado das minas de Potosi, ou do trabalho dos puritanos, como diz Weber, o impulsionador é sempre o mesmo: o trabalho.

A acumulação começou com a sedentarização do homem, não, com um excedente de produção que é o início das trocas, do comércio. Já o trabalho, como falam Louis-René Nougier e Serge Sauneron: “Um milhão de anos de humanidade, um milhão de anos que o trabalho reina sobre a terra., que o homem é trabalhador” (1959, pg.11) (25). Não há dúvida que a grande revolução muito bem descrita por Weber foi a mudança radical em relação ao trabalho humano, o que ele chama “organização capitalista racional do trabalho” (2005, pg.42). Negado e desprezado pela nobreza que via nele uma atividade vil, digna de escravos e dos servos, o trabalho legal assumiu o papel de motor da mudança ética e moral (em sentido weberiano) que hoje faz parte da rotina. Ao nobre era proibido o trabalho, não podia exercer qualquer atividade, mesmo aquelas agora consideradas mais “nobres”. Toulouse-Lautrec rejeitou o filho aleijado, é verdade, contudo nem mesmo a esse era permitido o trabalho: ser pintor era ofender a nobreza, e não só pelos temas escolhidos. A burguesia ascendente, “parvenus” que, trabalhando, conseguiu amealhar dinheiro, sem dúvida porque alijada do processo político, como geralmente ocorre, bem descrito por Weber, não pretendia outra coisa senão igualar-se aos nobres. A nova moral, no sentido weberiano parece não ter realmente nascido do ressentimento, como pretendido por Nietzsche, negado por Weber, mas também não do sofrimento, como quer Weber, mas da inveja, pois foi essa que triunfou. Basta ver, nos dias de hoje, quanto ódio é destilado contra a burguesia dirigente, quando na oposição. Assumindo o poder, aquilo que demonstrava ser ódio, revela-se que na verdade era inveja, pois passam a agir da mesma maneira.

A exceção foi na França, onde os nobres foram guilhotinados, essa sim, moral do ressentimento, de cuja revolução parece ter saído a idéia de Nietzsche. Talvez assim se explique a diferença de moral (em sentido weberiano) entre a civilização católica e a protestante. Mesmos fundamentos, mesma economia, mesmas éticas, porém com morais diferentes. Pode-se dizer, com Weber, que o homem não gosta de trabalhar “por natureza”, o homem não nasceu para trabalhar. Todos pretendem enriquecer para deixar de trabalhar, ainda hoje. O paraíso católico é um lugar onde não se precisa trabalhar. A máxima ética “o trabalho enobrece o homem”, porque contradição histórica foi substituída por outras, como “o homem

se realiza no trabalho”, “é transformando a natureza que o homem se transforma”, “o trabalho dignifica o homem” etc. O valor trabalho foi incorporado à rotina, ao costume. A verdadeira “jaula de aço”, o homem tem que trabalhar para não morrer de fome, adquiriu valor intrínseco. Não se faz uma diferenciação entre trabalho e trabalho capitalista ou entre o trabalho legal puritano da profissão vocação e trabalho capitalista. Trabalhar não quer dizer trabalhar para outro. O trabalho de coleta do homem pré-histórico não pode ser comparado ao trabalho após a sedentarização.

O papel pedagógico que foi desempenhado pelos protestantes para acabar com a promiscuidade, a miséria, a fome e a violência nas cidades inglesas e foi uma maneira gentil de dizer: a coisa mudou, você não pode mais ser sustentado pela Igreja, costume da época, trabalha ou morrerás de fome transformou-se em cláusula pétrea da organização social. Karl Marx diria: mudou a infra-estrutura econômica, mudou a superestrutura ideológica. Ninguém tem dúvida: o homem deve trabalhar. Ao contrário do dado levantado por Max Weber sobre os protestantes preferirem o ensino técnico, hoje não se trata de preferência, faz parte da rotina: as escolas são “profissionalizantes”, a escolha é feita segundo a profissão que se quer exercer, não como realização pessoal, mas com finalidade mammonista. Naquele tempo era uma ética: hoje é uma moral, um hábito (sempre em sentido weberiano). Ao nascer, a criança já vai sendo educada para o trabalho numa profissão: o que você quer ser quando crescer? Não que tipo de homem você quer ser, mas que profissão você quer exercer? Geralmente a resposta dada é a infantil sem pretensão salarial; mas a escolhida na adolescência é a que melhor recompensa financeiramente, afinal, ele quer “vencer” na vida. Esse é o costume, a tradição, a ética imposta pelo capitalismo: ser vencedor é acumular riquezas na terra. Mas, e o Sermão da Montanha?

Sermão da Montanha que, já já foi dito anteriormente, era a obsessão de Max Weber, face ao número de vezes que é citado em sua obra. Ali está simbolizada a parábola do coração de carne e coração de pedra. Fariseu é o que cumpre a lei sem intermediação da moral. Fariseu é o ético, o crente é o moral. Marianne Weber, na biografia do marido, não deixou de assinalar, em diversas passagens essas referências. Só os santos, como diz Weber, podem obedecê-lo? Como conciliar a ética da convicção do Sermão da Montanha com a ética da responsabilidade? Eis o que Max Weber se pergunta em “Política como Vocação”. Mas qual é o fundamento da responsabilidade? A quem devemos responder? À Glória de Deus ou da criatura?

Ao finalizar esta Dissertação considera-se que o ponto forte do ensaio de Max Weber e, espera-se, também deste trabalho, está ligado àquilo que pode-se chamar de segunda linha

da investigação, paralelo ao conceito de ética. Trata-se do SUMMUM BONUM da ética calvinista, cujas conseqüências e motivações psicológicas foram magistralmente descritas por Max Weber, ficando a causa um tanto camuflada, ou pouco salientada, subjacente em sua pregação. As palavras com que descreve o sentimento de angústia dos puritanos que se encontram sozinhos no mundo, abandonados, não podendo contar com ninguém, mesmo com o pastor para a salvação, dá a idéia da grande revolução que foi o calvinismo com o dogma da predestinação e o **decretum horribile**. Weber salienta bem o fato de os cristãos viverem em função do além. De fato, os cristãos católicos tinham, e têm até hoje, uma certeza absoluta: são imortais. Aconteça o que acontecer, sua alma sobreviverá, é indestrutível. Em matéria de salvação eles têm uma tríplice possibilidade: céu, inferno e purgatório. Tudo depende dele, de seu comportamento no mundo: mas sempre há a possibilidade da confissão dos pecados e da absolvição, coisa que Weber também salienta muito bem.

O catolicismo é uma religião eudomonista. A felicidade futura está ao alcance de qualquer um, basta agir bem. O que deve ser evitado a todo custo é o inferno, onde a alma queimará para sempre, não havendo retorno, e em cuja porta está escrito em letras grandes: deixai de fora todas as esperanças. O purgatório, como o nome diz, é a lavagem dos pecados com alguma chamoscação, o sofrimento passageiro. O paraíso para onde vão as boas almas é o lugar da felicidade eterna, onde, já disse, não há trabalho nem sofrimento, só anjos, música harpônica, riachos de águas sonolentas e pradarias tranqüilas sem formigas. Essa certeza absoluta, que Weber chama recompensa, a esperança do paraíso, foi retirada do cristão. A salvação agora não é mais uma questão de escolha entre felicidade e infelicidade. O problema é: quem vai viver eternamente e quem vai morrer eternamente. A certeza na imortalidade foi abalada, restou angústia: "será que vou morrer?". O vazio, a aniquilação, o nada absoluto, o ser ou não ser, o existir ou não existir, o se mover ou não se mover, eis a questão. O nada é a náusea. Tirou-se-lhes o chão dos pés. O homem nada pode fazer para evitar a morte ou preservar a vida, tudo já está decidido. Impotência. Só resta procurar indícios, comprovação da eleição para a vida. O bem estar psicológico dado pela certeza do dever cumprido e a paz de "espírito" obtida pela comprovação da eleição é a imortalidade. O cérebro não entende essa aniquilação. Ele tem uma determinação, uma função: manter a vida. Todo o conhecimento que o homem pode adquirir se destina a manter a sua própria vida. Senão, para que serve o conhecimento? Nietzsche tinha razão. Quem tem muito conhecimento morre, quem não tem morre também. A sabedoria não é ser mais feliz, mas viver mais tempo. Ser feliz é estar vivo. Quer dizer estar vivo é ser feliz.

NOTAS DE REFERÊNCIAS

1. Mais voilà d'où viennent les mots qui désignent la vertu éthique – s'il est vrai qu'il faille tenir compte de la lettre d'un mot pour examiner la vérité telle qu'elle est; et il faut probablement. Le caractère éthique (èthos) tire son appellation de l'habitude (éthos). Il s'ensuit aussi cette évidence: ce n'est pas par nature que naît en nous aucune des vertus de la partie irrationnelle. (1995, pg.54)
2. Je vais décevoir le lecteur en soulignant qu'en général je me sers des termes "morale" et "éthique" comme des synonymes.(2002, pg.25)
3. (...) je dirais que j'entends utiliser "Éthique" pour couvrir un domaine plus vaste que cela – usage qui a pour lui, je crois, une autorité déjà suffisante. Il me sert à désigner une recherche pour laquelle, en tout cas, il n'existe pas, d'autre mot> l'examen général de ce que est bien (1998, pg. 40).
4. Le terme éthique s'est vu progressivement privé de son contenu à force d'être utilisé de façon indifférenciée. La nature du référent, le contenu de sens que recouvre le terme éthique, est devenue secondaire, l'essentiel est ce qu'on fait en disant éthique. (2001, pg.85)
5. L'Éthique trace le portrait de l'homme du ressentiment, pour qui tout bonheur est une offense, et qui fait de la misère ou de l'impuissance son unique passion (2003, pg. 38).
6. Tous les commandements et toutes les maximes de l'éthique traditionnelle, quelle que soit la différence de leurs contenus, présentent cette restriction à l'environnement immédiat de l'action (1990, pg 28).
- 7 L'Éthique protestant et l'esprit du capitalisme est, à plus d'un titre, un texte hautement paradoxal. Malgré son étroitesse et son caractère inachevé, souligné, avec force par Weber lui-même face à ses détracteurs, cette "thèse", dont la structure argumentative est particulièrement complexe et retive à tout résumé, est devenue un texte canonique des sciences sociales – de la sociologie des religions, en tout cas - , engendrant une masse considérable de commentaires, exégèses et controverses.(1996, pg. 52)
8. "Comment une activité au mieux tolérée par la morale a-t-elle pu se transformer en vocation au sens de Benjamin Franklin?" Hirschmann la reformule en ces termes: "Comment se fait-il qu'on en soit venu, à tel moment de l'époque moderne, à considérer comme honorables des activités lucratives telles que le commerce et la banque, alors même qu'elles avaient été réprouvées et honnies durant des siècles, parce qu'on y voyait

l'incarnation de la cupidité, de l'amour du gain et de l'avarice?" (1994, pg. 71)

9. Celui qui n'est pas intéressé par toute cette "psychologie", mais seulement par les formes extérieures des systèmes économiques, je le prierai de ne pas lire mes essais. Et je le prierai aussi d'avoir la bonté de me laisser libre de vouloir, moi, m'intéresser justement à cet aspect psychique du développement économique moderne, tel que le révèlent, au sein du puritanisme, les grandes tensions et les grands conflits intérieurs entre la "profession" et la "vie" (comme nous disons volontiers de nos jours), l'éthique, et cela à un point d'équilibre singulier, qui n'a existé de cette manière ni avant ni après (2003, pg. 369).

11. Les puritains ont pourtant jadis réussi à coordonner le "noyau intime de la personnalité" et le quotidien des obligations professionnelles. Quelles sont les conséquences pour "l'humanité" si les ordres rationalisés de la vie quotidienne ne permettent pas plus cette coordination? Je pense que c'est cela la question capitale que Weber a posée au monde où nous sommes "jetés", à la suite de Marx (1996, pg 114).

12. Le terme personnalité dérive du latin persona qui désigne le masque de l'acteur, dont est issu également le mot personne. Un des caractères du masque du théâtre antique est sa permanence, et fixité. Le même masque est porté par l'acteur pendant toute la pièce. L'aspect de permanence a été repris par la psychologie classique qui voit dans la personnalité "la fonction psychologique par laquelle un individu se considère comme un Moi un et "permanent". Dans la psychologie actuelle, on définit la personnalité comme l'organisation dynamique des aspects cognitifs (c'est-à-dire intellectuels), affectifs, conatifs (c'est-à-dire pulsionnels et volitionnels), physiologiques et morphologiques de l'individu.(1990, pgs. 317 et 318)

13. (...) si sa conduite morale était irréprochable (...) (2003, pg. 244)

14. Le but de Jésus était de réveiller le sens de la moralité, d'agir sur l'attitude intérieure; c'est pourquoi il présentait, et pour une part en paraboles, des exemples de droites manières d'agir, tout particulièrement de celles qui étaient en opposition avec ce qu'un Levite simplement légaliste se devait de faire; puis il laissait au sentiment des ses auditeurs le soin de juger si la manière du Levite était suffisante. En particulier, Il montrait le contraste entre ce qu'exigeaient les lois civiles, ou encore les commandements religieux devenus par la suite lois civiles, et ce qu'exigeait la moralité (spécialement dans le Sermon sur la Montagne – ce complément des lois – l'attitude morale. (1983, pg 60).

15. J'ai souligné plus haut que Weber (...) voit dans l'"esprit du capitalisme" une éthique, et non la simple valorisation des activités lucratives. (1994, pg 76).
16. Elle explique pourquoi, chez Weber, cet esprit ne peut être que le produit d'une éthique spécifique. (1994, pg. 77)
- 17 Chez Weber, l' "esprit du capitalisme" , produit exclusif d'un intérêt religieux, à savoir du désir nourri par chaque individu de sauver son âme, semble, à proprement parler, tomber du ciel.(1994, pg. 73).
- 18 Weber concède lui même que Franklin n'invoque pas ces qualités à titre de vertus, mais de méthodes d'acquisition: "On ne pourra nier que toutes les exhortations morales de Franklin revêtent un sens utilitariste (...) Em effet: quando on lit son autobiographie Le récit de sa "conversion" à ces vertus, ou encore les passagens exposant l'utilité du strict maintien de l'apparence de la modestie, de l'application à abaisser son propre mérite afin d'obtenir l'approbation de tous, on aboutira nécessairement à la conclusion que ces vertus, et toutes les autres également, ne sont selon Franklin, des vertus que dans la mesure ou elles sont réellement utiles à l'individu.(1994, pg.108).
- 19 De la même façon, Weber exagère, aux yeux de Biéler, la "passion ascétique du travail" du calvinisme. S'il est vrai que Calvin a accordé au travail quotidien une valeur propre, Il n'a toutefois jamais "glorifié l'action pour l'action". Au contraire, il "s'irrite et s'élève contre l'emprise du labeur sur la vie; car "Dieu seul et son Royaume doivent guider la recherche et l'espérance quotidiennes du croyant; et aucune valeur humaine, fût-elle la plus haute vertu, ne doit prendre leur place. (1994, pg.51)
- 20 Ce que j'ai dit sur les traits de l'"esprit capitaliste", à la détermination desquelles l'ascèse protestante n'a pas contribué (...) (2003, pg. 408)
- 21 L'élimination complète du problème de la théodicée et de toutes ces questions sur les "sens" du monde et de la vie, sur lesquelles d'autres s'étaient échinés, allait tout à fait de soi pour les puritains tout comme – pour des raisons toutes différentes – pour le juif. (2003, pg. 115).
- 22 Dupuis que je fréquente l'oeuvre de Weber je cherche à saisir les raisons de la répulsion, presque constante, qu'il manifeste à l'égard de la métaphysique. (1990, pg. 03).

- 23 (...) une construction purement spiritualiste que j'ai moi-même récusée dans mes études. (2003, pg. 416)
- 24 (...) en effet, mon intérêt central ne portait pas sur le processus d'encouragement à l'expansion capitaliste, mais sur le développement du type d'homme (Menschentum) qui a été créé par la conjonction de composantes d'origine religieuse et de composantes d'origine économique: cela était très nettement indiqué au terme de mon étude.(2003, pg. 417).
- 25 Um million d'années d'Humanité, um million d'années que le travail règne sur la terre, que l'homme est travailleur. (1959, pg. 11).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Martin Claret. SP. 2Les Grands Livres d'Éthique. Arléa. Évreux. 1995.
- BENTHAM, Jeremy. *Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação*. SP. Abril Cultural. 1979.
- CANTO-SPERBER, Monique. *L'inquiétude morale et La vie humaine*. PUF.Paris.2001.
- COELHO, Lúcia Maria Sálvia. *Teoria da Personalidade*. WEB. 2008.
- CONTE-SPONVILLE, André. *O Capitalismo é Moral?*. SP.Martins Fontes.2005.
- DELAY, Jean. *Psychologie*. 3ª. Edição.Masson Editeur. Paris. 1990.
- DELEUSE, Gilles. *Spinoza Filosofia prática*.Les Éditions de Minuit. Paris. 2003.
- DISSELKAMP, Annette. *l'éthique protestante de max weber*. PUF.Paris.1994.
- DURKHEIM, Émile. *Sociologie et Philosophie*. Paris. PUF. 1951.
- DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação*. 2ª. Ed. Vozes. Petrópolis. 2002.
- ESPINOSA, Baruch. *Éthique*. GF Flammarion. Paris.1965.
- FREUND, Julien. *Etudes sur Max Weber*. Librairie Droz.Genève-Paris. 1990.
- _____ *Sociologia de Max Weber*, Forense. Petrópolis, 5ª. Ed. 2003.
- FROMM, Erich. *O Dogma de Cristo*. Zaher Editores. RJ. 1967.
- HEGEL, G.W.F. *La positivité de la religion chrétienne*. PUF.Paris. 1983.
- HENNIS, Wilhelm. *La problématique de Max weber*. PUF. Paris. 1996.
- ISTAS, Michel. *Les Morales selon Max Weber*. Paris. CERF. 1986.
- JONAS, Hans. *Le principe de la responsabilité*. Paris. Fammarion. 1990.
- KANT, Emmanuel. *Leçons d'éthique*. Paris. Arlea. 1995.
- _____ *Qu'est ce que les lumières?* Paris.Hatier.2006.
- _____ *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. SP. Abril Cultural. 1980.
- MACMAHON, Darrin M. *Felicidade- Uma História*. SP. Globo. 2006.
- MARCHIONI, Antônio. *Ética na Virada do Milênio*. LTr. SP. 2ª.Ed. 1999.

- MARCÍLIO, Luiza Maria. (Coordenadora); *Ética na virada do milênio*. LTr.SP.1999
- MARITAIN, Jacques. *A Filosofia Moral*. Agir. SP. 1973.
- MOORE, G.E. *Principia Ethica*. Paris. PUF. 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Os Pensadores*. Abril Cultural. SP. 1978.
- NOUGIER, Louis-René, Sauneron, Serge. *Histoire General Du Travail*. Paris.1959
- PADIN, Cândido, Dom. *Ética na Virada do Milênio*. LTr. SP. 2ª. Ed. 1999.
- RIBEIRO, Renato Janine. *A Sociedade contra o social*. Cia. das Letras. SP. 2000.
- SIDGWIK, Henry. *Methods of Ethiks*. Macmillan & Co. Ltd. London, 1962.
- SPINOZA, Baruch. *Éthique*. Paris. Flammarion. 1965.
- VALLS, Álvaro L.M. *O que é ética?* SP. Editora Brasiliense. 2006.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sanches. *Ética*. Civilização Brasileira. RJ. 1999.
- VIDAL, Marciano. *Moral das Atitudes*.5ª. Edição. Ed. Santuário. Aparecida. 2000.
- WEBER, Marianne. *Weber uma Biografia*. Casa Jorge Editorial. RJ. 2003.
- WEBER, Max. *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*, Verlag C.H. Beck. München. 2004.
- _____ *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 6ª.Edição. Editorial Presença. Lisboa. 2001.
- _____ *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Cia. das Letras. SP. 2005.
- _____ *A Ética Protestante e o Espírito do Capiotalismo*. 2ª. Edição Revista. Pioneira. SP. 2001.
- _____ *L'Éthique protestante et l'esprit du capitalisme*. Gallimard. Paris. 2003
- _____ *L'Éthique protestante et l'esprit du capitalisme*. Plon. Paris. 1964.
- _____ *Sociologie des Religions*. Gallimard. Paris. 1996.
- _____ *Ciência e Política-duas viciações*. Cultrix. SP. 20

Seja hedonismo, seja pessimismo, seja utilitarismo, seja eudomonismo: todas estas maneiras de pensar, que se baseiam em prazer e dor, isto é, em estados anexos e em acessórios, para medir o valor das coisas, são maneiras de pensar de fachada, e ingenuidades, para as quais todo aquele que tem consciência de forças afiguradoras e de uma consciência de artista olhará de cima, não sem zombaria, e também não sem compaixão.

Nietzsche - Para além de bem e mal.